

## ÍNDICE

### **Introdução, 3**

#### **Capítulo I: Questões iniciais, 5**

1. Caracterização do autor e da obra, 5
2. Tipos de texto predominantes na obra traduzida, 6
  - 2.1 Texto explicativo, 6
  - 2.2 Texto descritivo, 14
  - 2.3 Texto narrativo, 23
3. A tradução de textos sobre História, 29
  - 3.1 Questões gerais sobre tradução, 29
  - 3.2 Questões particulares sobre a tradução de textos sobre História, 30

#### **Capítulo II: Análise de questões de tradução, 37**

1. Aspectos lexicais, 37
  - 1.1 Léxico não especializado, 38
    - 1.1.1 Sinonímia intralinguística, 38
    - 1.1.2 Sinonímia interlinguística, 39
    - 1.1.3 Colocações, 42
    - 1.1.4 Expressões idiomáticas, 45
    - 1.1.5 Falsos amigos, 47
    - 1.1.6 Empréstimos, 51
  - 1.2 Léxico especializado, 55
  - 1.3 Denominações e topónimos, 58
2. Aspectos sintáticos, 61
  - 2.1 Modificadores, 61
  - 2.2 Propriedades de subcategorização dos predicados verbais, 63
  - 2.3 Estruturas de coordenação, 65
  - 2.4 Ordem de palavras, 66
  - 2.5 Tradução de frases complexas por frases simples, 69
3. Aspectos de coesão textual, 70
  - 3.1 Coesão interfrásica, 72
  - 3.2 Coesão temporal, 74
  - 3.3 Coesão referencial, 75
  - 3.4 Coesão lexical, 81
    - 3.4.1 Reiteração, 82
    - 3.4.2 Substituição, 82
4. Outras questões, 83
  - 4.1 Tradução de um poema, 83
  - 4.2 Notas de rodapé, notas finais e notas do tradutor, 85
  - 4.3 Leitura genérica de sintagmas nominais definidos, 88

### **Conclusão, 90**

### **Bibliografia, 92**

Anexo I, 98

Anexo II

Anexo III



## **Introdução**

O presente relatório tem como objetivo o comentário da tradução efetuada ao longo do projeto integrado no Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Assim, apresentam-se os problemas e as soluções encontrados na tradução dos primeiros quatro capítulos do livro *El Reino Olvidado, cinco siglos de história de España en África*, de Antonio M. Carrasco González, um investigador da África espanhola e do direito colonial que escreveu numerosos artigos e alguns livros sobre estas temáticas. Como o próprio título indica, o autor procede, neste livro, à revisão de todos os acontecimentos que marcaram os cinco séculos de história da presença de Espanha em África.

O presente relatório é constituído por dois capítulos. O capítulo I divide-se em três pontos. O primeiro ponto é de carácter mais geral, procedendo-se à caracterização do autor, da obra, do contexto histórico das suas obras, apresentando-se um breve resumo do livro em questão. No segundo, faz-se uma reflexão sobre tipos textuais, em particular dos que são relevantes para a tradução da obra: expositivo, narrativo e descritivo. Por último, o terceiro ponto centra-se em aspetos mais diretamente relacionados com a tradução da obra, apresentando-se algumas questões que se colocam na tradução de textos da área de História.

No capítulo II, apresentar-se-á a análise de questões de tradução, os problemas e dificuldades de tradução que foram surgindo e os métodos e estratégias utilizados para a resolução dos mesmos. O capítulo encontra-se dividido em quatro partes: os aspetos lexicais, os aspetos sintáticos, os aspetos de coesão textual e, outras questões relevantes para o presente relatório. Em relação aos aspetos lexicais, na secção de léxico não especializado, abordamos a sinonímia intralinguística, a sinonímia interlinguística, as colocações, as expressões idiomáticas, os falsos amigos e os empréstimos. Já na secção de léxico especializado, apresentamos o protótipo de glossário de termos que construímos ao longo da tradução de *El Reino Olvidado, cinco siglos de historia de España en África* (incluído, na íntegra, no anexo I), destacando ainda a questão das denominações e topónimos. Relativamente aos aspetos sintáticos, tratamos de fenómenos como os modificadores, as propriedades de subcategorização dos predicados verbais, as estruturas de coordenação, a ordem de palavras e a tradução de frases complexas por frases simples. De seguida, nos aspetos de coesão textual,

focar-nos-emos na coesão interfrásica, temporal, referencial e lexical. Finalmente, na última secção, apresentamos outras questões de tradução não integráveis nas secções anteriores, como a tradução de um poema incluído no original, as notas (de rodapé, finais e do tradutor) e, ainda, questões relacionadas com a leitura de sintagmas nominais.

Em anexo a este relatório apresenta-se o protótipo de glossário de termos na tradução de *El Reino Olvidado, cinco siglos de história de España en África*, (anexo I), a tradução dos primeiros quatro capítulos, (anexo II), e o texto original relativo aos mesmos (anexo III).

## CAPÍTULO I

### QUESTÕES INICIAIS

#### 1- CARATERIZAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA *EL REINO OLVIDADO, CINCO SIGLOS DE HISTÓRIA DE ESPAÑA EN ÁFRICA*

Antonio M. Carrasco González, autor da obra *El reino olvidado, cinco siglos de historia de España en África* nasceu em Llerena (Badajoz), em 1960. É doutor em Direito, investigador da África espanhola e do direito colonial. Escreveu inúmeros artigos relativos à África espanhola e é também autor dos seguintes livros: *Derecho colonial en África* (2007), *Historia de la novela colonial hispanoafriicana* (2009), *Orden en Río Muni* (2010) e *El reino olvidado, cinco siglos de historia de España en África* (2012), obra de que se traduziram, para este projeto, os primeiros quatro capítulos.

A presença colonial espanhola em África deixou na cultura espanhola abundantes vestígios, na literatura, na pintura e até mesmo na música, que, pouco a pouco, se foram apagando da memória coletiva dos espanhóis. António Carrasco oferece ferramentas fundamentais, guias claros, úteis e bem documentados para o leitor que procura informação sobre a temática colonial.

Nas suas obras, o autor aborda questões tão diversas como o direito colonial, a imagem que a Espanha teve das suas colónias em África e as que queria pela manutenção dessas colónias, no século XIX e XX.

Na obra em causa neste projeto, *El reino olvidado, cinco siglos de historia de España en África* (2012), o autor apresenta uma revisão de todos os acontecimentos que marcaram os cinco séculos de história da presença de Espanha em África, o reino esquecido.

O registo linguístico da obra é acessível, apesar da ocorrência de muita terminologia da área militar e de vários topónimos. Este livro está dirigido para um público generalista interessado na temática colonial.

## **2- TIPOS DE TEXTO PREDOMINANTES NA OBRA TRADUZIDA**

Na obra traduzida, encontram-se segmentos textuais com diferentes intenções: explicação de ideias, descrição de lugares, personagens e narração de acontecimentos. As diferentes propriedades destes segmentos permitem-nos integrá-los em diferentes tipos textuais.

Existem várias tipologias textuais, que nem sempre são coincidentes. Para o propósito deste estudo, concretar-nos-emos essencialmente nos tipos textuais já propostos em Werlich (1976) e adotados de forma mais ou menos consensual por vários autores: texto argumentativo, explicativo/expositivo, descritivo e narrativo<sup>1</sup>. A argumentação consta na “operación lingüística mediante la cual un enunciador pretende hacer admitir una conclusión a un destinatario (o destinatários), ofreciéndole una razón para admitir esta conclusión” (Plantin 1990, apud Bassols & Torrent 2003:32); a explicação tem como objetivo “hacer comprender a alguien cómo es, cómo funciona o por qué se produce un hecho o actividad” (Llorca 2006c:1); a descrição consiste “en una ordenación jerarquizada de elementos lexicográficos, que se podría resumir en la sucesión palabra de entrada/expansión, y esta expansión se fija por predicados sucesivos” (Adam e Petitjean 1988, apud Bassols & Torrent 2003:99); por último, a narração que se define por “ficciones o relatos reales que explican un hecho interesante” (Bassols & Torrent 2003:169).

Nesta secção faremos uma breve reflexão sobre os tipos textuais predominantes na obra traduzida. No essencial, seguiremos, neste relatório, a tipologia de Werlich (1976), posteriormente desenvolvida em Adam (2005) e Llorca (2006), e, pela sua prevalência no texto traduzido, consideraremos os seguintes tipos textuais: explicativo, descritivo e narrativo.

### **2.1. Texto explicativo**

O texto explicativo é ilustrado em análises e sínteses de representações concetuais, com o objetivo de expor e explicar factos, fazendo com que o interlocutor/leitor adquira um conhecimento que até então não tinha.

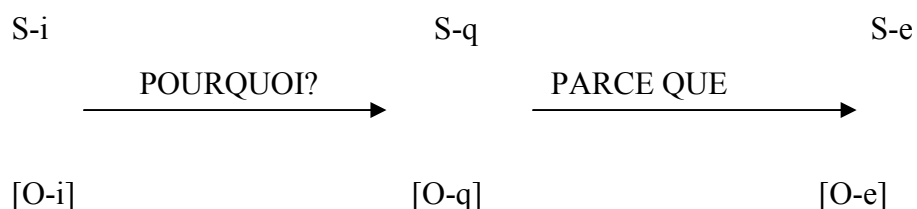
---

<sup>1</sup> Embora pudéssemos incluir muitos outros tipos textuais, em função de diferentes perspetivas, cingimo-nos aos que são mais consensuais na literatura. Assim, por exemplo, não incluímos o tipo instrutivo (Werlich 1976) nem o conversacional (Adam 2005).

Muitos autores consideram que texto explicativo e texto expositivo são termos sinónimos. No entanto, autores como Llorca (2006) consideram que deve fazer-se uma distinção entre os dois tipos de texto, em função dos seus diferentes objetivos:

El ámbito científico-académico y del conocimiento en el que normalmente se ha situado al texto explicativo –aunque nos pasamos la vida explicándonos a nosotros mismos y explicándonos el mundo a los demás- ha dado lugar a una cierta confusión terminológica y conceptual entre la explicación y otra forma de organización textual con la que guarda ciertas semejanzas: la exposición. Adam (1997) y sus seguidores (Bassols, 1997) han empezado por establecer la diferencia entre ambas actividades: mientras que en la exposición el objetivo es informar ordenadamente sobre una materia, en la explicación el objetivo es hacer comprender a alguien cómo es, cómo funciona o por qué se produce un hecho o actividad. A lo largo de una explicación puede incluirse la exposición de algún aspecto mediante una descripción técnica o una descripción de acciones pero es la finalidad general de la acción verbal discursiva –hacer comprender– la que da a un texto su carácter explicativo. (Llorca 2006c:1).

Adam (2005), no esquema 1, define a estrutura geral de uma sequência explicativa: um primeiro operador *POURQUOI* [PORQUÊ] faz passar de uma esquematização inicial (*S-i*), que apresenta um objeto complexo (*O-i*), para uma esquematização de definição do problema (*S-q*), que apresenta o objeto problemático (*O-q*). Posteriormente, um segundo operador *PARCE QUE* [PORQUE] permite passar da esquematização da definição do problema para uma esquematização explicativa (*S-e*) que por sua vez expõe um objeto explicativo (*O-e*).



**Esquema 1:** *Texto explicativo*, Adam (2005:132)

Adam (2005) refere que a sequência explicativa decorre em quatro fases: a esquematização inicial, a problematização, a explicação e a conclusão-avaliação.

A macroproposição explicativa 0, que indica a esquematização inicial, destina-se a destacar o objeto problemático; de seguida, a macroproposição explicativa 1, refere-se à problematização e é introduzida frequentemente pelo uso de *Porquê?*, ou de *Como?*, que remetem para a macroproposição explicativa 2, em que se dá a explicação correspondente à possível resposta; por último, a macroproposição explicativa 3 sumaria a resposta e avalia o problema. Esta sequência encontra-se ilustrada no esquema 2 e no exemplo (1), que inclui um excerto do texto original e a tradução correspondente:

- |    |                          |  |
|----|--------------------------|--|
| 0. |                          | Macro-proposition explicative 0: Schématisation initiale |
| 1. | Pouquoi X? (ou Comment?) | Macro-proposition explicative 1: Problème (question)     |
| 2. | Parce que                | Macro-proposition explicative 2: Explication (réponse)   |
| 3. |                          | Macro-proposition explicative 3: Conclusion-évaluation   |

**Esquema 2:** *Sequência explicativa prototípica*, Adam (2005:132).

**(1)**

- a) En esa época, las ciudades como Túnez, Trípoli o Argel eran auténticas ciudades-estado llenas de esplendor, mientras en el interior de los reinos abundaba la pobreza y el atraso secular. Los españoles buscaban controlar las ciudades costeras, el campo no les interesaba porque apenas ofrecía nada lucrativo. Y en esto se halla el origen de la presencia española en las costas y ciudades africanas.  
(Página 11, linha 10)
- b) Nessa época, cidades como Tunes, Trípoli ou Argel eram autênticas cidades-estado cheias de esplendor, enquanto no interior dos reinos abundava a pobreza e o atraso secular. Os espanhóis procuravam controlar as cidades costeiras, o campo não lhes interessava porque quase não oferecia nada de lucrativo. E assim, surge a presença espanhola nas costas e cidades africanas.  
(Página 2, l.23).

No exemplo (1), a macroproposição explicativa 0, que destaca o objeto problemático, é “Nessa época, cidades como Tunes, Trípoli ou Argel eram autênticas cidades-estado cheias de esplendor, enquanto no interior dos reinos abundava a pobreza e o atraso secular”; a macroproposição explicativa 1, que diz respeito à problematização, refere-se a “no interior dos reinos abundava a pobreza e o atraso secular”; a macroproposição explicativa 2, a explicação, reporta a “Os espanhóis procuravam controlar as cidades costeiras, o campo não lhes interessava porque quase não oferecia nada de lucrativo”; finalmente, a macroproposição explicativa 3, a conclusão, corresponde a “E assim, surge a presença espanhola nas costas e cidades africanas”.

Llorca (2006), com base em Adam (2005), defende que existem seis procedimentos que facilitam a construção de uma sequência explicativa: a definição, a classificação, a reformulação, a exemplificação, a analogia e a citação.

O primeiro procedimento, a definição, é responsável pela delimitação do problema, atribuindo ao objeto características que o identificam como pertencente a uma classe. Como podemos ver no exemplo (2) retirado do texto original, bem como a tradução correspondente, em que é apresentada a definição de “guarda de negros ou *abids*”:

(2)

a) A la muerte de Muley Ismail en 1727 siguió un periodo de desorden y luchas intestinas, hasta que llegó al trono el sultán Mohamed en 1757. Era un hombre que suavizó algunas de las instituciones de Muley Ismail y redujo su **guardia de negros o abids, verdadero cuerpo pretoriano del sultán y sustento de la expansión y el poder de Ismail.**

(Página 24, l.13)

b) Depois da morte de Muley Ismail, em 1727, seguiu-se um período de desordem e lutas internas, até que chegou ao trono o sultão Mohamed, em 1757. Foi um homem que atenuou algumas das instituições de Muley Ismail e reduziu a sua **guarda de negros ou *abids*, verdadeiro corpo pretoriano do sultão e sustento da expansão e do poder de Ismail.**

(Página 13, l.3)

No procedimento da classificação, agrupam-se objetos ou conceitos em classes ou categorias. Na reformulação, identifica-se de forma mais clara algo que foi mencionado em termos específicos. O procedimento da exemplificação caracteriza-se pela experiência do leitor, ou seja, apresentam-se exemplos comuns para a experiência do leitor de forma a tornar os termos desconhecidos mais próximos e concretos. No procedimento da analogia, relaciona-se os objetos explicados com outros objetos de campo diferente mas que mantenham algum tipo de semelhança, recorrendo-se a comparações e metáforas. No último procedimento, a citação, utiliza-se a explicação de outros autores para confirmar e dar credibilidade ao que pretendemos explicar, como podemos constatar no exemplo (3) retirado do texto original, bem como a tradução correspondente:

(3)

a) Este sultán no despreció el trato con los piratas, ya que obtenía pingües beneficios de los botines y del rescate de cautivos, pero organizó su imperio de una manera más moderna y eficaz, comenzando con la estructura militar, dotándose de unos cuerpos de obediencia directa y eliminando, en parte, a los señores feudales. **Como señala Morales Lezcano, convirtió al país «en una potencia militar más organizada, hasta tal punto que a principios del siglo XIX el atraso comparativo de Marruecos con su entorno no era tan acusado como lo sería un siglo más tarde».**

(Página 23, l.25)

b) Aquele sultão não desprezou a relação com os piratas, já que obtinha abundantes benefícios dos espólios e do resgate dos cativos; contudo, organizou o seu império de uma maneira mais moderna e eficaz, começando pela estrutura militar, dotando-se de alguns corpos de obediência direta e eliminando, em parte, os senhores feudais. **Tal como assinala Morales Lezcano, converteu o país «numa potência militar mais organizada, até tal ponto que, nos princípios do século XIX, o atraso de Marrocos em comparação com a sua vizinhança não era tão acentuado como seria um século mais tarde».**

(Página 12, l.18)

Ainda tendo como base o trabalho de Adam (2005), Llorca (2006) refere adicionalmente os cinco procedimentos linguísticos da sequência explicativa: o núcleo classificador, o uso de léxico específico, os verbos no presente do indicativo, a subordinação nominal e adjetival e, por fim, a utilização de marcadores do discurso.

No primeiro procedimento linguístico, o núcleo classificador, as estruturas “Sujeito + verbo *ser* + Sintagma Nominal” ou “Sujeito + verbo *ter* + Sintagma Nominal” estão relacionadas com os processos sintéticos ou analíticos das representações conceituais. Desta forma, a estrutura “Sujeito + verbo *ser* + predicativo do sujeito” corresponde ao resumo, enquanto a estrutura “Sujeito + verbo *ter* + complementos” é uma forma analítica. Tais estruturas estão ilustradas no exemplo (4):

(4)

a) **Marruecos era la llave sur del Estrecho, tenía una posición estratégica especial** y un grado de desarrollo mayor al de los vecinos africanos del sur.

(Página 28, l.19)

b) **Marrocos era a chave a sul para o Estreito, tinha uma posição estratégica especial** e um grau de desenvolvimento maior do que o dos vizinhos africanos do sul.

(Página 16, l.14)

O uso do léxico específico, segundo procedimento linguístico, de acordo com Llorca (2006), depende do assunto e do nível explicativo que se pretende atingir. Em qualquer caso, trata-se do uso de um léxico objetivo e claro para que não haja possibilidade de ambiguidades. Para este caso apresentamos o exemplo (5) retirado do texto original, bem como a tradução correspondente:

(5)

a) Los islámicos habitantes del lugar consideraban la piratería como una **yihad o guerra santa marítima** y entendían que los europeos también la practicaban a su modo.

(Página 10, l.29)

- b) Os habitantes islâmicos consideravam a pirataria como uma *yihad* ou uma guerra santa marítima e achavam que os europeus também a praticavam ao seu modo.

(Página 2, l.13)

O terceiro procedimento linguístico para Llorca (2006), o uso dos verbos no presente do indicativo, coloca a explicação nas coordenadas enunciativas mas também serve para dar à explicação um valor intemporal e universal, como podemos ver ilustrado no exemplo (6):

(6)

- a) Pero en mayo de 1921 comienzan a llegar rumores de que un gran contingente armado espera a los españoles. Rumores que confirman el coronel Morales y el comandante Villar. Los contactos que **se mantienen** con los marroquíes por estos oficiales de la policía indígena y por el coronel Civantos, gobernador de la isla de Alhucemas, no **ofrecen** resultados positivos para el avance.

(Página 141; l.22)

- b) No entanto, em maio de 1921, começaram a chegar rumores confirmados pelo coronel Morales e o major Villar de que um grande contingente armado espera os espanhóis. Os contactos que estes oficiais da polícia indígena e o coronel Civantos, governador da ilha de Alhucemas **mantêm** com os marroquinos não **oferecem** resultados favoráveis ao avanço.

(Página 102, l.3)

Ainda relativamente ao terceiro procedimento, o uso dos verbos no presente do indicativo, é de salientar que, muitas vezes, o autor da obra traduzida hesita entre o uso dos verbos no presente do indicativo e o uso dos verbos no pretérito perfeito do indicativo, facto a que voltaremos na secção 3.2, do capítulo II.

O uso de orações subordinadas adjetivas, quarto procedimento linguístico, mostra que a estruturação sintática está determinada pelo processo explicativo que define a sequência. Usa-se com frequência subordinadas adjetivais cujo sentido coincide com os

objetivos da explicação. O exemplo (7), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, comprova estas observações:

(7)

a) Fue uno más de los miles de europeos **que poblaban la ciudad de Argel aguardando la liberación o la muerte**, con las mismas penas y las mismas esperanzas.

(Página 9, l.6)

b) Foi um dos mais de dois mil europeus **que povoavam a cidade de Argel aguardando a liberdade ou a morte**, com as mesmas penas e esperanças.

(Página 1, l.10)

Relativamente ao quinto e último procedimento linguístico, a utilização de marcadores do discurso em conjunto com os conectores permitem passar de um objeto problemático para um objeto definido, reformulando uma definição, dando exemplos, acrescentando informação ou introduzindo as causas ou as consequências de uma função. Veja-se o exemplo (8) retirado do texto original bem como a tradução correspondente:

(8)

a) Argel era una ciudad cosmopolita, llena de gentes de diversas razas y procedencias, capital de una regencia del imperio otomano y comparable a Roma en población, riqueza y vida; sin los teatros, libreros o imprentas da la ciudad italiana, aunque más hedonista y sensual. **Con mayor** libertad por carecer de órdenes religiosas o instituciones como la Inquisición, libertad que no alcanzaba a los miles de cautivos y esclavos.

(P.9, l.26).

b) Argel era uma cidade cosmopolita, cheia de pessoas de diversas raças e origens, capital da regência do império otomano e comparável a Roma em população, riqueza e vida, sem os teatros, os livreiros ou a imprensa da cidade italiana, embora mais hedonista e sensual, **bem como maior** liberdade por não dispor de ordens religiosas ou instituições como a

Inquisição, liberdade essa que não chegava aos milhares de cativos e escravos.

(Página 1, l.20)

(9)

a) Los españoles buscaban controlar las ciudades costeras, el campo no les interesaba **porque** apenas ofrecía nada lucrativo. **Y en esto** se halla el origen de la presencia española en las costas y ciudades africanas.

(Página 11, l.13)

b) Os espanhóis procuravam controlar as cidades costeiras, o campo não lhes interessava **porque** quase não oferecia nada de lucrativo. **E, assim,** surge a presença espanhola nas costas e nas cidades africanas.

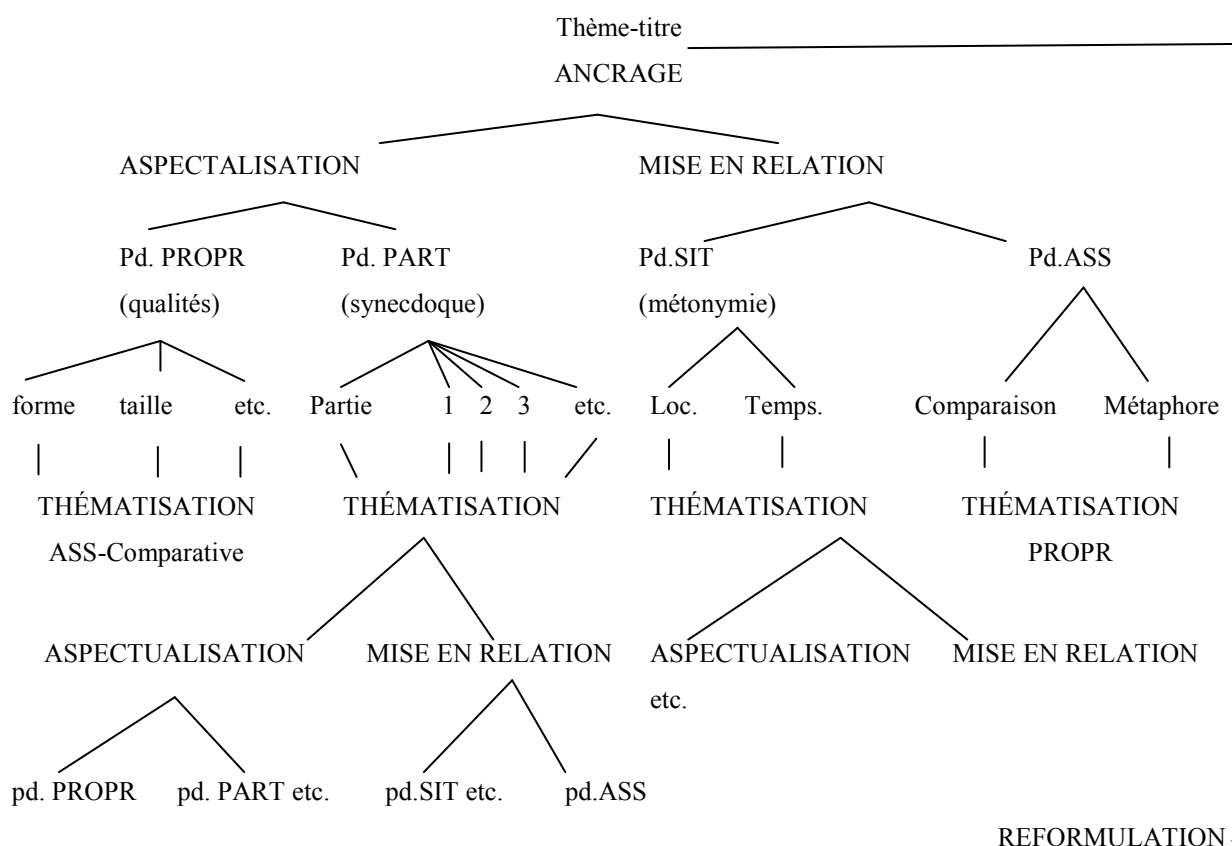
(Página 2, l.25)

## 2.2 Texto descritivo

Adam (2005) apresenta a sequência descritiva como um conjunto de operações que permitem a construção das próprias macroproposições. A principal característica da sequência descritiva é que o seu esquema apresenta uma estrutura hierárquica de forma, da qual se manifesta o plano geral, que torna possível a realização das operações descritivas.

Para Adam (2005), as quatro macro-operações que estão na base do protótipo da sequência descritiva são a *ancrage* [identificação], a *aspectualisation* [listagem], o *mise en relation* [relacionamento] e a *thématisation* [encaixe por subtematização].

O esquema 3 representa o protótipo da sequência descritiva, segundo Adam (2005):



**Esquema 3:** *Esquema prototípico da sequência descritiva*, Adam (2005:84).

De acordo com Adam (2005), através da primeira macro-operação, a identificação, a sequência descritiva assinala mediante um *thème-titre* [nome], o elemento em questão, que é objeto da descrição. A macro-operação de identificação pode realizar-se mediante um procedimento denominado *afetação*, segundo Llorca (2006), que consiste em iniciar a sequência com um título no qual o objeto não está explícito, de maneira que a operação de identificação possa ocorrer noutro ponto do texto. O exemplo (10), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, retrata esse procedimento:

(10)

- a) El 19 de septiembre de 1580 **un cautivo español** quedó libre tras el pago del rescate efectuado por los padres trinitarios. Montaba en el barco que lo devolvería a su casa. Había pasado cinco años privado de libertad y sometido a la incertidumbre de desconocer en qué momento se le

acabaría la vida o la integridad de su cuerpo ya lisiado con anterioridad. Fue uno más de los miles de europeos que poblaban la ciudad de Argel aguardando la liberación o la muerte, con las mismas penas y las mismas esperanzas. Con el tiempo, cuando pudo por fin dedicarse al ejercicio de su arte, sería un hombre famoso y en sus obras se verán las referencias a su tiempo argelino. **Se trataba de Miguel de Cervantes**, soldado en busca de fortuna en Italia, herido en Lepanto y apresado en la galera *Sol* cuando regresaba de Nápoles con apenas treinta años y acompañado de su hermano.

(Página 9, l.9)

- b) No dia 19 de setembro de 1580, **um cativo espanhol** ficou livre após o pagamento do resgate efetuado pelos padres trinitários. Entrava na embarcação que o levaria a casa. Este cativo havia passado cinco anos privado de liberdade e na incerteza de saber qual o momento em que a sua vida ou a integridade do seu corpo, já antes ferido, chegariam ao fim. Foi um dos mais de dois mil europeus que povoavam a cidade de Argel aguardando a liberdade ou a morte, com as mesmas penas e esperanças. Com o tempo, quando pôde finalmente dedicar-se ao exercício da sua arte, seria um homem famoso e nas suas obras ver-se-iam as referências ao seu tempo na Argélia. **Tratava-se de Miguel de Cervantes**, mercenário, em Itália, ferido, em Lepanto, e capturado na galé *Sol*, quando regressava de Nápoles, com quase trinta anos e acompanhado pelo seu irmão.

(Página 1, l.6)

Como se pode verificar neste exemplo, o autor não apresenta de imediato o objeto da descrição, optando pela expressão indefinida *un cautivo español / um cativo espanhol*, só o nomeando explicitamente no finaldo parágrafo: *Se trataba de Miguel Cervantes/ Tratava-se de Miguel Cervantes*.

Outra forma de identificação é a reformulação que consiste em nomear o objeto descrito através de diferentes formas ao longo do texto, com o objetivo de revelar vários aspetos desse objeto, como podemos ver no exemplo (11):

(11)

a) Como decimos, la conquista de América cambió el rumbo del impulso hispano, pero el cardenal Cisneros cumplió algunos de los deseos de su reina y ordenó la expedición del alcaide de Los Donceles, Diego Fernández de Córdoba, que en 1505 tomó **Mers el Kebir** (que los españoles llamaban **Mazalquivir**). La conquista no fue fácil, porque los defensores estaban advertidos del ataque. Una vez posesionados **de ella**, los españoles se dieron cuenta de que la **plaza fortificada** estaba aislada, carecía de agua dulce y los socorros debían hacerse por mar y con dificultad, por lo que precisaba de otra conquista que les sirviera para la defensa y provisión.

(Página 13, l.30)

b) Como dissemos, a conquista da América mudou o rumo do impulso hispânico, mas o cardeal Cisneros cumpriu alguns dos desejos da sua rainha e ordenou a expedição do alcaide de Los Donceles, Diego Fernández de Córdoba, que, em 1505, conquistou **Mers el Kebir** (que os espanhóis chamavam **Mazalquivir**). A conquista não foi fácil porque os defensores estavam informados do ataque. Uma vez na posse da **praça fortificada**, os espanhóis aperceberam-se de que a mesma estava isolada, carecia de água doce e as operações de socorro deviam ser feitas por mar e com dificuldades, pelo que precisavam de outra conquista que lhes servisse de defesa e prevenção.

(Página 4, l.21)

Note-se em (11), a ocorrência de *Mers el Kebir*, designação árabe, que é retomada por *Mazalquivir*, a designação espanhola que permite a aproximação ao público leitor espanhol, e, finalmente, por *plaza fortificada/ praça fortificada*, que revela um aspeto importante e relevante do topónimo no contexto da obra.

A segunda macro-operação, listagem, é a operação base da descrição. Mediante esta operação, assinalam-se as partes e as propriedades do objeto descrito. Desta forma, a listagem é orientada por uma operação de seleção e pelas características pragmáticas da descrição. As partes de um todo mantêm relações de sinédoque e, por vezes, é a seleção de certas partes que serve para caracterizar o objeto, como podemos ver no exemplo (12), retirado do texto original bem como a tradução correspondente:

(12)

- a) Frente a ellos había un **ejército marroquí** de composición imprecisa, pero que pudo estar formado por más de **100.000 infantes** y más de **30.000 jinetes**.

(Página 40, l.9)

- b) À sua frente estava um **exército marroquino** de composição imprecisa, mas que talvez integrasse mais de **100000 soldados de infantaria** e mais de **30000 cavaleiros**.

(Página 24, l.13)

A terceira macro-operação, o procedimento do relacionamento, tem em consideração que o objeto descrito pode caracterizar-se não apenas pelas suas propriedades internas mas também pelo seu lugar no mundo e pelas relações que pode manter com o que o rodeia. Segundo Llorca (2006), o objeto descrito pode manter relações de tipo metonímico, podendo, ainda, recorrer-se à comparação e à metáfora para a descrição do referido objeto: a comparação estabelece pontos de relação pela semelhança entre o objeto descrito e os outros objetos, já a metáfora reconhece dois objetos entre os quais há um tipo de relação de analogia. Através de exemplos retirados do texto original, bem como da tradução correspondente, apresenta-se o procedimento do relacionamento:

(13)

- a) **En comparación** con los exploradores extranjeros, los españoles carecían de los medios económicos de los más famosos aventureros británicos o franceses y tampoco contaban con el apoyo oficial que les procurara cobertura diplomática y dinero en las situaciones difíciles.

(Página 63, l.15)

- b) **Em comparação** com os exploradores estrangeiros, os espanhóis careciam dos meios económicos dos mais famosos aventureiros britânicos ou franceses e nem sequer contavam com apoio oficial para a cobertura diplomática e financeira nas situações difíceis.

(Página 42, l.8)

(14)

- a) El soberano gobernaba su estado (*Majzen*) com **mano de hierro**.  
(Página 23, l.14)
- b) O soberano governava o seu estado (*Majzen*) com **mão de ferro**.  
(Página 12, l.10)

(15)

- a) Silvestre era la **espada** que tajaba, la **pólvora** que detonaba.  
(Página 134, l.1)
- b) Silvestre era a **espada** que cortava, a **pólvora** que detonava.  
(Página 96, l.4)

A quarta macro-operação, o encaixe por subtematização, é responsável pela expansão descritiva; qualquer elemento da descrição é suscetível de ser tematizado, tal como ocorre frequentemente com as *partes*. Assim, uma parte selecionada pode converter-se na base de um novo desenvolvimento sequencial. Além das partes, também pode tematizar-se as propriedades ou as relações situacionais, sem que seja necessário que se desenvolva, em cada caso, a totalidade do esquema sequencial. Regularmente, o elemento tematizado pode ser uma parte ou uma propriedade do objeto que o produtor textual queira destacar de forma especial. O exemplo (16), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, representa a quarta macro-operação:

(16)

- a) Este **Ejército de Operaciones o Ejército de África** se organizó de la siguiente manera:
  - **Primer Cuerpo de Ejército** al mando del mariscal de campo Rafael Echagüe Birmingham, que se organizó en el campo de Gibraltar y Ceuta. **Lo componían una brigada de vanguardia y una división. En total doce batallones de infantería, un escuadrón de caballería, tres compañías de artillería montada con dieciocho piezas y cuatro compañías de ingenieros. Y quince guardias civiles a pie y otros quince a caballo.**

- **Segundo Cuerpo de Ejército** al mando del teniente general Juan Zabala de la Puente, conde de Paredes de Nava, organizado en la provincia de Cádiz. **Lo componían dos divisiones con un total de dieciséis batallones de infantería, un escuadrón de caballería, tres compañías de artillería montada con doce piezas, una compañía de artillería de montaña con seis piezas y otra compañía de ingenieros. Y quince guardias civiles a pie y otros quince a caballo.**

(Página 39; 1.1)

b) Este **Exército de Operações ou Exército de África** organizou-se da seguinte forma:

- **Primeiro Corpo do Exército**, sob o comando do marechal de campo Rafael Echagüe Birmingham, que se organizou no campo de Gibraltar e Ceuta. **Composto por uma brigada de vanguarda e uma divisão. No total, doze batalhões de infantaria, um esquadrão de cavalaria, três companhias de artilharia montada com dezoito peças, quatro companhias de engenheiros, quinze guardas-civis a pé e outros quinze a cavalo.**
- **Segundo Corpo do Exército**, sob o comando do tenente-general Juan Zabala de la Puente, conde de Paredes de Nava, organizado no distrito de Cádiz. **Composto por duas divisões com um total de dezasseis batalhões de infantaria, um esquadrão de cavalaria, três companhias de artilharia montada com doze peças, uma companhia de artilharia de montanha com seis peças e uma companhia de engenheiros, quinze guardas-civis a pé e outros quinze a cavalo.**

(Página 23; 1.10)

Relativamente às propriedades linguísticas da descrição, Llorca (2006) apresenta quatro procedimentos linguísticos.

O primeiro procedimento linguístico, o núcleo classificador da descrição, pode ser representado como “Sujeito + verbo *estar*<sup>2</sup> (duração) + Oblíquo (de lugar)<sup>3</sup>”. Também é frequente que se encontre na descrição outro verbo de estado, normalmente no presente ou no pretérito imperfeito, como podemos observar no exemplo (17), que integra um segmento da obra traduzida e a respetiva tradução.

**(17)**

- a) El 4 de enero **estaban en las alturas de la Condesa**, muy próximas a Castillejos, y **tenían** ante sí la dificultad de pasar el río Manuel, que se **presentaba** como un obstáculo.

(Página 49, l.3)

- b) No dia 4 de janeiro, **os espanhóis estavam nas alturas de la Condesa**, muito próximas de *Castillejos*, e **tinham** diante de si a dificuldade de atravessar o rio Manuel, que se **apresentava** como um obstáculo.

(Página 31, l.5)

A adjetivação, segundo procedimento linguístico, permite expandir a referência do nome, completando-a e/ou adicionando informação. Considere-se esse procedimento linguístico no exemplo (18), do texto original e da tradução correspondente.

**(18)**

- a) La vida era dura, y la traición, el sometimiento y algunas actuaciones **cobardes y mezquinas** ayudaban a sobrellevar los rigores y a obtener algunos beneficios y favores.

(Página 10, l.14)

- b) A vida era dura e a traição, a submissão e alguns atos **cobardes e mesquinhos** ajudavam a suportar os rigores e a obter alguns benefícios e favores.

(Página 2, l.2)

---

<sup>2</sup> *Estar* é aqui usado como modelo de verbo estativo.

<sup>3</sup> Usaremos o termo oblíquo em vez de complemento circunstancial, dado que é este o termo usado atualmente na perspetiva da linguística descritiva.

Relativamente ao terceiro procedimento linguístico, o uso de advérbios, destaca-se particularmente os de modo; também os advérbios de lugar e as construções locativas têm uma importante função referencial. Este procedimento encontra-se ilustrado no exemplo (19), que integra um excerto do texto original seguido da tradução correspondente.

**(19)**

- a) La experiencia de instructor no duró mucho porque, entre otras cosas, impedía a Gatell viajar por el país, que era lo que más le gustaba. **Así** que cuando fue obligado a cesar, se convirtió en médico y recorrió Rabat, Mazagán, Mogador, el Atlas y llegó a los llanos del Sus, anticipándose a otras expediciones españolas cuyo objetivo era la colonización del Sahara.

(Página 66, l.12)

- b) A experiência de instrutor não durou muito porque, entre outras coisas, impedia Gatell de viajar pelo país, que era aquilo de que mais gostava. **Assim**, quando foi obrigado a demitir-se, passou a ser médico e percorreu Rabat, Mazagán, Mogador, Atlas até chegar às planícies do Sus, antecipando-se a outras expedições espanholas cujo objetivo era a colonização do Saara.

(Página 44, l.22)

Quanto ao último procedimento linguístico, salienta-se o uso de frases complexas, em particular subordinadas completivas e relativas, bem como coordenadas copulativas, como ilustra o exemplo (20), retirado do texto original bem como a tradução correspondente.

**(20)**

- a) El convenio fue incumplido en innumerables ocasiones, pero el balance fue positivo. Para los españoles, porque se garantizaron la paz y la armonía y se redujo considerablemente la actividad pirata, y para los marroquíes porque la balanza comercial les fue favorable durante muchos años.

(Página 28, l.5)

- b) O convénio não foi cumprido em numerosas ocasiões, mas o balanço foi positivo quer para os espanhóis, porque se garantiu a paz e a harmonia e se reduziu consideravelmente a pirataria, quer para os marroquinos, porque a balança comercial lhes foi favorável durante muitos anos.  
(Página 105, l.28)

### 2.3 Texto narrativo

Adam (2005) estabelece o protótipo da sequência narrativa, com base em *Lógica du récit*, de Claude Bremond (1966):

Tout récit consiste en un discours intégrant une succession d'événements d'intérêt humain dans l'unité d'une même action. Où il n'y a pas succession, il n'y a pas récit mais, par exemple, description (si les objets du discours sont associés par une contiguïté spatiale), déduction (s'ils s'impliquent l'un l'autre), effusion lyrique (s'ils s'évoquent par métaphore ou métonymie), etc. Où il n'y a pas intégration dans l'unité d'une même action, il n'y a pas non plus récit, mais seulement chronologie, énonciation d'une succession de faits incoordonnés. Où enfin il n'y a pas implication d'intérêt humain (où les événements rapportés ne sont ni produits par des agents ni subis par des patients anthropomorphes), il ne peut y avoir de récit, parce que c'est seulement par rapport à un projet humain que les événements prennent sens et s'organisent en une série temporelle structurée. (Bremond, 1966: 62)

Segundo Adam (2005), base do trabalho de Llorca (2006b), a sequência narrativa caracteriza-se pelos seguintes aspetos:

- i. Sucessão de eventos, tendo em conta que a narrativa consiste na delimitação de um evento inserido numa cadeia de eventos ordenados temporalmente.
- ii. Unidade temática, sendo, por isso, necessária a presença de um tema ou objeto (animado ou não) colocados continuamente no tempo para relacionar as diversas partes do texto.
- iii. Relevância dos predicados, ou seja, aquilo que se declara acerca do sujeito; pelo desenvolvimento de um facto, implicam a transformação das características da personagem, podendo estabelecer um estado

inicial e um estado final, produto da transformação ao longo do tempo e dos acontecimentos.

- iv. Processo, durante o qual ocorre a transformação dos predicados, constituinte essencial da oração.

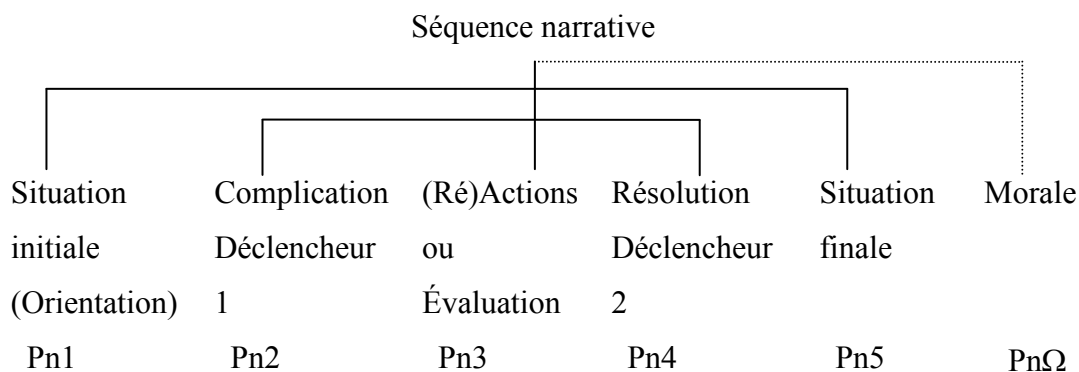
Este processo de transformação desenvolve-se em três fases, como é apresentado no esquema 4, caracterizando-se pelo início, meio e fim; tais fases correspondem ao processo durante o qual acontecerão transformações ao longo da sucessão temporal. O termo “processo” permite estabelecer uma continuação temporal a partir de uma situação inicial até um momento decisivo.

Situation initiale	Transformation	Situation finale
	(agie ou subie)	
AVANT	PROCÈS	APRÈS
«commencement»	«milieu»	«fin»

**Esquema 4:** Processo de transformação, Adam (2005:49)

- v. Relações causais entre os acontecimentos que são responsáveis pela intriga, pelo que dados ordenados cronologicamente por si só não constituem um texto narrativo, sendo necessário que haja uma relação que justifique e dê sentido à narração de uma sucessão de atos para se assegurar a existência de uma narrativa.
- vi. Avaliação final (explícita ou implícita), definida pelo facto de todos os acontecimentos do texto narrativo se orientarem para um determinado fim, o que vai implicar uma intenção da parte do narrador, que poderá torná-la explícita ou deixá-la implícita, conforme desejar.

Deste modo, de acordo com Adam (2005), o esquema prototípico da sequência narrativa contém as seguintes macroproposições ou proposições narrativas, [Pn]: situação inicial [Pn1], a complicação [Pn2], as (re)ações [Pn3], a resolução [Pn4], a situação final [Pn5] e a moral [PnΩ]. Veja-se, a este propósito, o esquema 5:



**Esquema 5:** *Esquema da sequência narrativa*, Adam (2005:57)

A *Pn1* representa uma situação inicial ou uma orientação em que se caracterizam as personagens e se dão informações de tempo e de lugar, entre outras; a *Pn2* remete para uma complicação que altera o estado precedente da narração; a *Pn3* refere uma reação ou avaliação mental dos estados que foram afetados pela *Pn2*; a *Pn4* constitui uma resolução ou um novo elemento modificador, que aparece na situação criada a partir da reação à *Pn2*; na *Pn5*, define-se uma situação final, na qual se estabelece um estado novo e diferente do primeiro; por último, a *PnΩ* corresponde à avaliação final, que pode dar - explícita ou implicitamente- um sentido configuracional à sequência.

A análise de textos narrativos a partir deste modelo sequencial apresenta como resultado um esquema composicional do texto analisado em que ficam em evidência a marca situacional, *Pn1*, o conflito (introdução) que origina ações e reações (ação de avaliação) por parte das personagens (*Pn2*, *Pn3*), fazendo com que a narração progrida para algum tipo de resolução, *Pn4* (desenlace), chegando-se a uma situação final, *Pn5*.

Esta sequencialização de proposições é ilustrada no exemplo (21), retirado do texto original bem como a tradução correspondente.

**(21)**

- a) A Muley Mohamed ben Abdalah le sucedió en 1790 su hijo Muley Yazid, hombre soberbio, caprichoso y déspota que llegó al poder gracias al apoyo de la guardia negra, que su padre había debilitado pero no suprimido. Siendo un sultán belicoso y con la idea del irredentismo territorial, también quiso conquistar las plazas españolas, y en septiembre de 1790 ordenó el ataque a la ciudad de Ceuta, que se repetería en agosto de ese mismo año. Los españoles contraatacaron bombardeando Tánger.

La suerte de la campaña quedó decidida cuando el sultán levantó el sitio por haberse producido una rebelión en el interior del país. En esas luchas intestinas murió el sultán el año de 1792.

(Página 26, l.30)

- b) A Muley Mohamed ben Abdalah sucedeu, em 1790, o seu filho Muley Yazid, homem orgulhoso, caprichoso e déspota, que chegou ao poder graças ao apoio da guarda negra, que o seu pai havia debilitado mas não suprimido. Sendo um sultão belicoso e com a doutrina do irredentismo territorial também quis conquistar as praças espanholas, e, em setembro de 1790, ordenou o ataque à cidade de Ceuta, que se repetiria em agosto desse mesmo ano. Os espanhóis contra-atacaram, bombardeando Tânger. O destino da campanha ficou decidido quando o sultão levantou o cerco por se ter produzido uma revolta no interior do país. O sultão morreu nessas lutas internas, no ano de 1792.

(Página 15, l.3)

No exemplo (21), a *Pn1* corresponde a *A Muley Mohamed ben Abdalah sucedeu, em 1790, o seu filho Muley Yazid, homem orgulhoso, caprichoso e déspota, que chegou ao poder graças ao apoio da guarda negra, que o seu pai havia debilitado mas não suprimido*; a *Pn2* corresponde a *Sendo um sultão belicoso e com a doutrina do irredentismo territorial também quis conquistar as praças espanholas, e, em setembro de 1790, ordenou o ataque à cidade de Ceuta, que se repetiria em agosto desse mesmo ano*; a *Pn3* verifica-se em *Os espanhóis contra-atacaram, bombardeando Tânger*; a *Pn4* é constituída por *O destino da campanha ficou decidido quando o sultão levantou o cerco por se ter produzido uma revolta no interior do país*; por fim, a *Pn5* corresponde a *O sultão morreu nessas lutas internas, no ano de 1792*.

Relativamente às propriedades linguísticas típicas do texto narrativo, Llorca (2006) assinala as seguintes:

- i. A estrutura narrativa, “Sujeito + verbo *fazer*<sup>4</sup> (no Pretérito Perfeito) + Oblíquo de lugar + Oblíquo de tempo”, corresponde a uma redução do texto narrativo, ou seja, manifesta a existência de um sujeito a quem

---

<sup>4</sup> *Fazer* é usado como modelo de exemplo de verbos eventivos.

acontece algo num determinado lugar e num determinado tempo. Esta estrutura é ilustrada no exemplo (22):

(22)

- a) Los asaltantes se apoderaron de Orán y su alcazaba el 20 de enero de 1708.  
(Página 20, l.21)
- b) Os assaltantes apoderaram-se de Orão e da sua alcáçova no dia 20 de janeiro de 1708.  
(Página 10, l.6)

ii. O Pretérito Perfeito é o tempo verbal mais usado na narração permitindo que a ação se situe num tempo já concluído, enquanto o pretérito imperfeito se utiliza para situar o leitor no momento inicial e para fazer esclarecimentos ou evocações do passado. Porém, também é utilizado o presente histórico com valor atualizador, que procura aproximar as ações do passado ao presente. O exemplo (23), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, representa o uso do pretérito perfeito, do pretérito imperfeito e do presente histórico numa sequência narrativa:

(23)

- a) De nuevo Orán **fue** puerto de piratas y la navegación comercial **se resintió**. El número de cautivos tomados en las presas **aumentó**. **Relata** Emilio Sola que Orán **era** la salida al mar del reino de Tremecén, ciudad próspera donde **se acuñaba** moneda y donde **se conservaba** una importante sabiduría histórica.  
(Página 20, l.27)
- b) Orão foi, de novo, porto de piratas e a navegação comercial **ressentiu-se**. O número de cativos aprisionados nas capturas **aumentou**. Emilio Sola **relata** que Orão **era** a saída para o mar do reino de Tremecén, cidade próspera onde **se cunhava** moeda e se conservava uma importante sabedoria histórica.  
(Página 10, l.11)

- iii. As estruturas sintáticas predicativas, associadas a eventos, predominam sobre as estruturas atributivas, próprias da descrição. São, também frequentes as orações subordinadas temporais, que permitem a inserção de diferentes planos temporais, frequentes na narração. Esta estrutura é representada no exemplo (24), retirado do texto original bem como a tradução correspondente:

(24)

- a) Mazalquivir presentaba una hermosa rada que servía perfectamente al desembarco y fondeadero de las naves, **muchos años después sería base de la armada francesa en Argelia y de la argelina después de la independencia.**

(Página 14, l.9)

- b) Alcácer-Quibir ofrecia uma formosa baía que servia perfeitamente para os desembarques e fundeadouros das embarcações; **muitos anos depois, seria base da armada francesa, em Argélia, e da argelina depois da independência.**

(Página 4, l.29)

- iv. Os elementos deíticos temporais utilizam-se para estabelecer as referências temporais que têm lugar no texto narrativo, quer no tempo real ao qual se refere a narração, quer no tempo criado pelo contexto. No exemplo (25), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, podemos confirmar isso mesmo:

(25)

- a) El 27, las columnas vivaquearon a la vista del objetivo, que fue tomado ese día obligando a los marroquíes a atravesar de nuevo el Kert.

(Página 21, l.15)

- b) No dia 27, as colunas acamparam à vista do objetivo, que foi conquistado nesse dia, obrigando os marroquinos a atravessar de novo o Kert.

(Página 87, l.29)

### **3- A TRADUÇÃO DE TEXTOS SOBRE HISTÓRIA**

Neste capítulo discutiremos aspetos relacionados com a tradução, em geral, e do texto sobre História, em particular que se revelaram pertinentes na elaboração do presente relatório, justificando, a nosso ver, um espaço próprio.

#### **3.1 Questões gerais sobre tradução**

Nesta secção, apresentamos uma breve abordagem ao conceito de tradução. A questão central é: qual é a definição mais adequada ao conceito de tradução?

Segundo Schleiermacher (2003), a tradução, de forma sintetizada, é a “transposição de uma língua estrangeira para a nossa”. Steiner (1998), citado no artigo de Souza (1998), vai além da definição de Schleiermacher (2003):

O ato de traduzir está implícito, formal e pragmaticamente, em todo e qualquer ato de comunicação, na emissão e receção de todo e qualquer modo de significação. (...) Compreender é decifrar. Entender significados é traduzir. (...) A tradução entre línguas diferentes é uma aplicação particular de um modelo fundamental da comunicação humana através da linguagem (...). (Steiner 1998 apud Souza 1998:53)

Jakobson (1971, apud Souza 1998:53) afirmar que:

(...) o significado de um signo linguístico não é mais que a sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’ (...). Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais.

Outras questões que podem ser levantadas são: Como deve o tradutor fazer o seu trabalho? Quais os seus objetivos e quais os fatores que deve ter em atenção?

Nida (1964) defende que não existe correspondência perfeita entre duas línguas, logo, o objetivo do tradutor é que a transposição de uma língua para outra seja feita com resultado um texto mais parecido possível com o texto de partida. Para Nida (1964) as diferenças na tradução podem ser geralmente atribuídas a dois fatores básicos da

tradução: a natureza da mensagem, uma vez que os textos variam no que diz respeito à forma e ao conteúdo; e a intenção do autor e do tradutor, ou seja, o tradutor pode escolher entre duas estratégias de tradução: o etnocentrismo e a equivalência.

Neste sentido, põe-se outra questão: Quais as estratégias ou métodos que o tradutor deve utilizar?

Nida (1964) refere dois métodos: a equivalência formal e a equivalência dinâmica. Por um lado, considerando a equivalência formal, a tradução é essencialmente orientada pela fonte, isto é, deve mostrar o mais possível da forma e do conteúdo da mensagem original. Assim, o texto traduzido por equivalência formal tenta reproduzir os vários elementos formais do texto, como a unidade formal e a consistência no uso de palavras e significados no contexto do texto. O mesmo acontece com os aspetos gramaticais, caso em que se deve repetir meticulosamente todo o texto de partida, nome por nome, adjectivo por adjectivo entre outros, mantendo as frases tal como estão no texto e preservando todos os indicadores formais (pontuação e parágrafos).

Por outro lado, embora qualquer tradução vise uma reprodução mais ou menos fidedel da mensagem, a equivalência dinâmica coloca mais ênfase na resposta do recetor, concentrando-se mais no aspeto bilingue e bicultural, apostando numa abordagem de adaptação, tentando escrever a obra como alguém da língua/cultura de chegada a escreveria. Pode, assim, ser definida como o equivalente natural mais próximo da mensagem na língua de partida.

Nestas definições, encontramos alguns pontos que interessam para a questão da tradução, como a língua/cultura de chegada enquanto unidade: o público-alvo da língua de chegada e o contexto particular da mensagem. Na tradução que está na base deste relatório, depois de ponderados os métodos da equivalência formal e da equivalência dinâmica defendidos por Nida (1964), podemos observar que não optámos generalizadamente por um deles, apesar de, em grande parte, nos aproximarmos mais do método da equivalência dinâmica.

### **3.2 Questões particulares sobre tradução de textos sobre História**

Se a primeira etapa da tradução é a compreensão do texto de partida, conhecer o tipo de texto que se vai trabalhar é indispensável. Para completar essa ideia, Silva (1995) afirma que a noção de *tipo textual* abrange valores variados, conforme o *corpus* de análise e os princípios de tipificação, tal como as teorias da linguagem das quais

estas derivam. A identificação do tipo de texto permite ao tradutor estar atento às propriedades linguísticas inerentes ao seu género, como, aliás, já referimos na secção 2 do presente capítulo.

Ao procurar definir o texto sobre História, Alves (1938) refere que “a História é a reconstrução do passado humano, enquanto pode interessar à Humanidade ou ao evoluir das suas instituições”. Trata-se de uma ciência de carácter indutivo, cujo método se compõe através da observação, hipótese e experimentação; estuda os factos históricos ou acontecimentos situados no tempo e no espaço e caracteriza-se pela sua repercussão social, quanto aos seus antecedentes e consequentes, tal como acontece no livro *El Reino Olvidado, cinco siglos de historia de España en Africa*, de Antonio M. Carrasco González.

Segundo Alexandre Herculano a história deve mencionar exclusivamente a verdade:

Averiguar qual foi a existência das gerações que passaram, eis o mister da história. O seu fim é a VERDADE. Onde o autor errou involuntariamente, é condenável o livro; onde pretendeu iludir os que leem, a condenação deve cair sobre o livro e conjuntamente sobre o autor. Nenhuma consideração humana podem alterar esta regra; e por isso, longe de pedir indulgência, pedirei aos homens competentes a severidade para com este escrito. É o *interesse da ciência* que o exige. Nas doutrinas de opinião talvez sejam lícitas as concessões; nas matérias de factos seriam absurdas. Os que não sabem abstrair do amor-próprio, para só porem a mira no progresso da ciência, mentem se dizem que a amam. Amam-se a si, mas amam-se como insensatos. Se os contemporâneos calarem os defeitos do vosso livro, os futuros historiadores tecer-vos-ão sobre a campa a lista dos erros que cometestes e ainda daqueles que, por temor de ofender tradições recebidas, deixaste de condenar. Erros havê-los-á neste volume, bem como nos que se lhe seguirem.

O que, porém, posso afirmar com a mão na consciência, é que eles foram involuntários. Tenho fé que não me cegou malevolência para com os estranhos, nem parcialidade pela terra natal. Para o homem sacrificar a longas e áridas investigações, frequentes vezes sem resultado, todas as faculdades do espírito, quase todas as horas da vida, com o intuito de dar ao seu país uma história, senão boa, ao menos sincera, é necessário, creio eu, algum amor da pátria. Cifrei-o nisso tão-somente. Convertendo em realidade o meu pensamento, procurei esquecer-me de que sou português e parece-me tê-lo alcançado. O

patriotismo pode inspirar a poesia, pode aviventar o estilo, mas é o péssimo conselheiro do historiador.

(Alexandre Herculano, «Advertência da 1ª edição», *História de Portugal*, apud Alves 1938:166)

A tradução de textos sobre História tem requerido, portanto, alguma reflexão por parte de vários académicos, de que destacamos López (2000) e Hernández (2012).

O termo “tradução histórica” designa conceitos que estão interligados entre si: em primeiro lugar, refere-se a um campo de especialidade; em segundo lugar, faz referência ao fenómeno da tradução de factos ocorridos em épocas passadas; por último, designa uma teoria particular. Como refere Hernández (2012):

La misión de la traducción histórica consiste en ayudar al autor del TO<sup>5</sup> a hacerse comprender ante un nuevo lector, un receptor de un TM<sup>6</sup>, que pertenece a un contexto social y lingüístico diferente del que acogió la redacción del TO. En general, la traducción histórica contribuye a la preservación de la memoria histórica y a que los lectores de los textos meta puedan aprehender el pasado de otras *lengua-culturas*.

(Hernández 2012:2)

Quando nos referimos à tradução de textos sobre História a primeira questão que se coloca é a de saber quais são as características dos textos históricos.

Hernández (2012) considera que há duas grandes classes ou níveis de textos sobre História.

Los que le sirven al historiador para que elabore su discurso histórico y el discurso histórico en sí del historiador. Para nosotros, los que pertenecen al primer grupo son los genuinamente textos históricos; mientras que pensamos que no todos los encuadrables en el segundo tendrían que tener esta calificación, puesto que defendemos que los textos de historia gozan de unas características distintas que los textos de los que se ocupa la traducción histórica.

Opinamos que los textos de historia o sobre la historia son textos que pueden ser históricos (con independencia de su adscripción a cualquiera de los períodos históricos mencionados) o carecer de ese valor histórico, no importando que se hayan redactado hace pocos o muchos años. De esto se desprende que la traducción histórica se refiera a

---

<sup>5</sup> TO- *Texto de Origen*, equivalente à expressão Texto de Partida adotada neste relatório.

<sup>6</sup> TM- *Texto de Meta*, equivalente à expressão Texto de Chegada adotada neste relatório.

la traducción de textos históricos, de textos, en definitiva, con valor histórico, con tintes de historicidad; mientras que la traducción de textos de historia alude a la traducción de textos tanto históricos como no. (Hernández 2012:2)

De acordo com a autora, a diferença cronológica existente entre a cultura do texto de partida e a sua tradição é uma das principais dificuldades com que o tradutor se confronta na tradução do texto de partida para o texto de chegada. O leitor que tem acesso à tradução bilingue de obras históricas deve ter em conta que a distância cronológica apresenta para o tradutor uma dificuldade maior. Desta forma, a diferença cultural, sempre presente em todo o tipo de tradução, terá, na tradução de textos sobre História, três momentos cronológicos distintos: o dos factos que são relatados, o da escrita do original e o da tradução.

Para além dos diferentes momentos cronológicos, na tradução de textos sobre História coloca um problema adicional, de acordo com Hernández (2012): as quatro línguas em jogo:

a pesar de que se esté traduciendo de un idioma *A* a un idioma *B*, la gramática, el vocabulario, las estructuras, etc. de la lengua *A* del TO difieren de la lengua *A* del posible TO, si hubiese sido redactado en el momento en el que se efectúa la traducción; y lo mismo puede decirse de la lengua *B* del TM, aunque en sentido inverso. (Hernández 2012:2)

Por outras palavras, a primeira língua corresponde ao momento em que foi escrito o texto; a segunda seria a língua em questão se o texto fosse traduzido no momento em que foi escrito; a terceira é a língua do momento em que foi escrita a tradução, a quarta, corresponde à língua do momento em que o texto é lido.

Em suma, o tradutor deve ter em conta as propriedades linguísticas e culturais dos textos em diferentes momentos.

Para Hernández (2012), existem quatro estratégias gerais para a tradução de textos sobre História: a tradução documental, a tradução arcaico-documental, a tradução instrumental e a tradução docu-instrumental.

A tradução documental caracteriza-se por levar o leitor ao autor. Este método baseia-se na recuperação e adaptação do passado de ambas as línguas e culturas (a do texto de partida- tempo *X* - e a do texto de chegada- tempo *Y* -). A estratégia

documental é representada pelo uso de uma língua paralela à do texto de partida, embora corresponda à língua e cultura do texto de chegada no momento em que a tradução foi escrita. Esta estratégia está representada no esquema 6, realizado por nós a partir de Hernández (2012).

Língua do Texto de Partida	Língua	Língua do
Tempo X	Paralela	Texto de Chegada
	Recuperação e adaptação dos Tempo	Tempo X + Tempo Y
	X e Tempo Y = língua (correspondente	=
	à língua e cultura do TC num tempo Z	Tempo Z
	(momento em que a tradução foi	
	escrita)	

**Esquema 6:** Esquema da estratégia da tradução documental

Vários tradutores de texto sobre História defendem, no entanto, a uso de uma variedade da língua anterior à usada no texto de chegada.

Relativamente a esta estratégia, Hernández (2012) defende que fazer uso de uma língua anterior à do texto original é uma opção de tradução que se deveria designar por “tradução arcaico-documental”. “Arcaica” porque tem em conta um estágio da língua anterior à do original; “documental” porque o leitor não só adquire os conhecimentos que o próprio texto de partida lhe oferece, como ainda tem acesso a um estágio da língua anterior ao da língua do texto de chegada bem como ao contexto cultural.

Uma outra estratégia utilizada na tradução de textos sobre História consiste em atribuir mais importância à cultura de chegada do que à de partida. Por outras palavras, molda-se todos os fatores do texto de partida ao texto de chegada, razão pela qual, o leitor não tem consciência de que está perante uma obra traduzida, apresentando-se o texto de chegada como autónomo e isolado. Trata-se, aqui, da estratégia que Hernández (2012) designa como “tradução instrumental”.

Por último, é possível recorrer a uma tradução “docu-instrumental”, combinando-se o método documental com o instrumental: “documental” porque se opta por um tom clássico e formal; “instrumental” porque a intenção é que o público contemporâneo disfrute do texto de partida, facilitando-lhe o acesso a essa obra através da utilização da língua no estágio atual ou contemporâneo ao momento da tradução.

No nosso caso, visto que a obra *El Reino Olvidado, cinco siglos de historia de España en África* de Antonio M. Carrasco González é de 2012, não existindo variação significativamente o estágio da língua no momento em que a obra foi escrita e o do momento da tradução, não é evidente o uso de qualquer das estratégias apresentadas em Hernández (2012). Na verdade, poderemos falar da utilização da estratégia “docu-instrumental”, com a ressalva de que não existem diferenças significativas entre os dois estágios do português: o que corresponde ao momento em que a obra foi escrita e o que corresponde ao momento da presente tradução.



## CAPÍTULO II

### ANÁLISE DE QUESTÕES DA TRADUÇÃO

No presente capítulo, apresentamos e discutimos excertos da tradução da obra que consideramos relevantes para o presente relatório de projeto. O capítulo encontra-se dividido em quatro partes: a primeira referente aos aspetos lexicais, a segunda referente aos aspetos sintáticos, a terceira referente aos aspetos de coesão textual e, finalmente, a quarta referente à apresentação de outras questões relevantes para o presente relatório. Na primeira parte, abordaremos questões de tradução de léxico não especializado, entre eles a sinonímia intralinguística, a sinonímia interlinguística, as colocações, as expressões idiomáticas, os falsos amigos e os empréstimos. Na mesma parte, abordaremos tópicos relacionados com o léxico especializado, com especial referência ao anexo I, o protótipo de glossário de termos na tradução de *El Reino Olvidado, cinco siglos de historia de España en África*. No último ponto da primeira parte, trataremos da questão das denominações e topónimos.

Na segunda parte, relativa aos aspetos sintáticos, mencionaremos questões como os modificadores, as propriedades de subcategorização dos predicados verbais, as estruturas de coordenação, a ordem de palavras e a tradução de frases complexas por frases simples.

A terceira parte tratará de aspetos de coesão textual, focando-se em mecanismos que garantem coesão interfrásica, temporal, referencial e lexical.

Finalmente, a última parte fará menção a questões de tradução não integráveis nas secções anteriores, como a tradução de um poema, as notas de rodapé, finais e do tradutor, e, ainda, aspetos da leitura de sintagmas nominais.

#### 1. ASPETOS LEXICAIS

De acordo com Rio-Torto (2006:2), o léxico é “uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais”.

Para além do léxico geral (não especializado), os falantes conhecem, ainda, palavras que pertencem a áreas científicas e/ou técnicas, e que usam em contextos particulares - o léxico especializado.

Esta distinção entre léxico não especializado e léxico especializado será tida em conta neste relatório, nas secções seguintes.

## **1.1 Léxico não especializado**

Do ponto de vista lexical, a tradução implica reconhecer não só o sentido literal das palavras mas também os valores que estas podem adquirir em contextos específicos.

Assim, se é verdade que, num primeiro momento de tradução, é necessário reconhecer as expressões equivalentes nas línguas de partida e de chegada -sinonímia interlinguística- (Contente 2008 apud Jodar & Silva 2012:7) também é crucial ter em conta que uma expressão da língua de partida pode ter diferentes equivalentes na língua chegada, que, sendo sinónimos nessa língua - sinonímia intralinguística - (Contente 2008:6) -, podem divergir quanto ao grau de adequação a um dado (con)texto. Neste último caso, cabe ao tradutor optar pelo equivalente que julga mais adequado, em função de variáveis como a cultura da língua de chegada, o público-alvo, o tipo de texto, o registo mais ou menos formal, entre outras.

Nas secções seguintes, abordamos alguns casos de sinonímia intralinguística e interlinguística que julgamos relevantes no âmbito deste relatório. Teremos, ainda, em consideração a tradução de colocações, de expressões idiomáticas, falsos amigos e empréstimos.

### **1.1.1 Sinonímia intralinguística**

Como referimos anteriormente, a sinonímia intralinguística é “a sinonímia no interior de um mesmo sistema linguístico em que a identidade conceptual das denominações concorrentes é fundamental” (Contente 2008:6).

No caso particular de tradução, é frequentemente necessário seleccionar, de entre vários equivalentes possíveis/ sinónimos, aquele que melhor serve em função do contexto, do registo linguístico, do tipo de texto e/ou do público-alvo.

O exemplo (1), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, apresenta uma questão de tradução relacionada com a sinonímia intralinguística.

(1)

a) A partir del 12 de diciembre de 1851 el ejército español se dedicó casi al completo a trabajar en el camino de Ceuta a Tetuán para que estuviera **practicable**.

(Página 46, l.3)

b) A partir do dia 12 de dezembro de 1851, o exército espanhol dedicou-se quase por completo a trabalhar no caminho de Ceuta a *Tetuán* para que este estivesse **transitável**.

(Página 28, l.27)

Em (1), numa primeira abordagem, começámos por traduzir o adjetivo *practicable* de forma literal em português, *praticável*, considerando, em primeiro lugar, a primeira definição do dicionário Priberam: “Fácil ou possível de se pôr em prática; Em que se pode transitar = TRANSITÁVEL”. Posteriormente, analisámos a definição do dicionário da Real Academia Espanhola (RAE):

**Practicable** - **1.** adj. Que se puede practicar o poner en práctica; **2.** adj. Dicho de un camino, de una carretera, etc; **3.** adj. Dicho de una puerta u otro accesorio: En el decorado teatral, que no es meramente figurado, sino que puede usarse.

Analisadas as definições dos dois dicionários, o adjetivo *practicable* poderia ter sido traduzido por “praticável” ou “pronto a ser usado”, que correspondem às primeiras definições apresentadas nesses dicionários. Porém, achámos que a definição do dicionário Priberam, *transitável*, de entre vários sinónimos, é aquele que melhor serve em função do contexto, uma vez que, no excerto, se refere o momento da construção do caminho e os trabalhos desenvolvidos para que, no mesmo, se pudesse transitar facilmente.

### 1.1.2 Sinonímia interlinguística

Uma questão fundamental quando se traduz um texto é encontrar um equivalente na língua de chegada que exprima exatamente o mesmo conceito da expressão da língua de partida, facto que corresponde ao conceito de sinonímia interlinguística. Conte

(2008:223) afirma que, “no plano interlinguístico, isto é, quanto à exatidão da equivalência conceptual e denotativa entre dois termos de línguas diferentes, o problema é complexo, uma vez que raramente existe equivalência perfeita; a não equivalência perfeita deve-se ao facto da realidade extralinguística não ser idêntica”.

O exemplo (2), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, ilustra a questão da sinonímia interlinguística.

(2)

a) En España no había un ejército colonial diferenciado del **metropolitano**, lo que agravaba las diferencias que, por otra parte, siguieron hasta la República.

(Página 132, l.19)

b) Em Espanha, não havia um exército colonial diferenciado da **metrópole**, o que agravava as diferenças que, por outro lado, continuaram até à República.

(Página 95, l.3)

A palavra *metropolitano*, em português, segundo o dicionário Priberam, significa, se for adjetivo “Relativo à metrópole” ou, se for nome, “Caminho-de-ferro, geralmente subterrâneo, destinado ao transporte rápido de passageiros em meios urbanos. = METRO; comboio que circula nessas vias”. No texto de partida, o item *metropolitano* corresponde ao adjetivo (com um nome elidido) e, na verdade, poderia ser traduzido por *metropolitano*, que, como referimos, corresponde ao significado *relativo à metrópole*. Para não criar qualquer ambiguidade, optámos pela tradução *da metrópole*, mantendo, assim, o significado do original.

Note-se que, muitas vezes, por um lado, uma palavra da língua de partida não tem ainda equivalente na língua de chegada ou, por outro lado, uma palavra pode ser polissémica na língua de partida, sendo necessário encontrar o equivalente mais próximo.

Para ilustrar o primeiro caso, apresentamos o exemplo (3):

(3)

a) Pero esto no satisfizo a los **cabileños**, y las agresiones contra españoles y los ataques a los barcos continuaron.

(Página 35, l.5)

- b) Contudo, isto não deixou os **cabilenhos** satisfeitos e as agressões contra os espanhóis e os ataques às embarcações continuaram.

(Página 20; l.16)

Este exemplo inclui um neologismo em Português Europeu. A palavra *cabileño* significa em Espanhol “Pertenciente o relativo a la cabila; Individuo de una cabila”. Não encontramos atestada esta palavra em dicionários de Português Europeu, por isso, decidimos consultar dicionários de Português Brasileiro, onde a forma se encontra atestada, e optámos pela palavra desta variedade, *cabilenhos*.

Em alguns casos, a tradução pelo equivalente mais próximo pode criar ambiguidades e, conseqüentemente, problemas de interpretação para o leitor. Para que isso não aconteça, pode ser necessário acrescentar mais informação, tendo em conta que uma palavra do texto original pode corresponder, na tradução, a um constituinte mais longo. Fawcett (1997:45) define esta estratégia como *amplification*: “providing explanations rather than making cultural adaptations as a strategy for bridging anticipated gaps in the target-language audience’s knowledge”.

Para apresentar o caso em que uma palavra pode ser polissémica na língua de partida, sendo necessário encontrar o equivalente mais próximo mesmo usando a estratégia por perífrase ou *amplification*, como define Fawcett (2003), consideramos o exemplo (4), retirado do texto original bem como a tradução correspondente:

(4)

- a) Hacia 1915 se constituyó la Compañía Española de Colonización, que trataba de poner en explotación los llanos de El Garet, cerca de Monte Arruit, para atraer a colonos españoles de la península y del Oranesado y dejando pequeñas **porciones** a colonos marroquíes.

(Página 129; l.6)

- b) Por volta de 1915, constituiu-se a Companhia Espanhola de Colonização, que se encarregava de dar início à exploração das planícies de El Garet, perto do Monte Arruit, para atrair colonos espanhóis da península e do Oranesado, deixando pequenas **porções de terra** a colonos marroquinos.

(Página 93; l.10)

Neste exemplo, o nome *porciones* que traduzimos por *porções* pode criar problemas de leitura considerando-se que a sua utilização sem qualquer elemento explicitador pode impedir o leitor de reconhecer o significado pretendido. Para resolver este problema, e tendo em conta o contexto, decidimos clarificar o nome *porções* acrescentando, o complemento *de terra*. Desta forma, escolhemos a opção de tradução *porções de terra*, não deixando espaço para ambiguidades ou leituras desadequadas.

Por último, veja-se o caso apresentado em (5), retirado do texto original bem como a tradução correspondente:

(5)

a) El año de 1510 se decide continuar los ataques al norte de África y se confía la expedición a un inexperto duque de Alba, que llevaba a Navarro de **segundo**.

(Página 15, l.17)

b) No ano de 1510, decidiu-se continuar os ataques ao norte de África e confiou-se a expedição ao inexperiente duque de Alba, que levava Navarro **como segundo comandante**.

(Página 5, l.30)

Em (5), o adjetivo numeral *segundo*, usado no texto original com elipse do nome, pode criar problemas de compreensão se traduzido diretamente para *segundo*. Como forma de resolver este problema, decidimos recorrer à explicitação do nome elidido em espanhol, *comandante*.

### 1.1.3 Colocações

Segundo Mateus e Xavier (1992:56), as colocações são apresentadas sob o termo *associação*: “Relação que se estabelece entre unidades lexicais, a partir de elementos de carácter subjetivo determinados pelo uso de uma dessas unidades”. Assim sendo, o tradutor tem de reconhecer as colocações da língua de partida e as da língua de chegada, de forma a conseguir traduções naturais.

Para ilustrar a questão das colocações, apresentamos o exemplo (6), retirado do texto original bem como a tradução correspondente:

(6)

- a) Pero el sultán extendía demasiado la **correspondencia diplomática** sin acto alguno de autoridad, tal vez porque no tuviera la suficiente frente a las cabilas de Anyera, que, a la vista de la inacción, volvieron a la carga contra las fortificaciones españolas.

(Página 36, l.18)

- b) No entanto, o sultão alargava demasiado as **relações diplomáticas** sem qualquer demonstração de autoridade, provavelmente porque não teve força suficiente para fazer frente às cabilas de Anyera, que, perante a falta de ação, voltaram à carga contra as fortificações espanholas.

(Página 21, l.19)

Em (6), a expressão *correspondencia diplomática* poderia ser traduzida por *correspondência diplomática*. No entanto, esta expressão tem, usualmente, em português o significado de: “Conjunto de cartas, telegramas, etc., que recebemos e escrevemos” (Priberam). Tendo em conta o contexto, esta não era uma opção adequada, uma vez que o que se pretende dizer não é que o sultão estava interessado em aumentar a correspondência mas sim em alargar as relações diplomáticas. A colocação *relações diplomáticas* foi, então, escolhida, de forma a evitar a interpretação incorreta que obteríamos com a colocação *correspondência diplomática*.

Considere-se, de seguida, o exemplo em (7):

(7)

- a) Era este un hombre maduro, con una gran **trayectoria militar** y de fuerte personalidad.

(Página 99, l.13)

- b) Tratava-se de um homem maduro, com uma grande **carreira militar** e de personalidade forte.

(Página 70, l.4)

Neste exemplo, a colocação relevante, no texto de partida, é *trayectoria militar*. Vejamos o que o dicionário espanhol da Real Academia apresenta como definição para *trayectoria*: “Línea descrita en el espacio por un cuerpo que se mueve, y, más comúnmente, la que sigue un proyectil; Curso que, a lo largo del tiempo, sigue el

comportamiento o el ser de una persona, de un grupo social o de una institución”. Já no dicionário de português Priberam, *trajetória* significa: *Linha recta ou curva descrita ou percorrida por um corpo impelido por uma força*.

Se optássemos por uma tradução de equivalência direta, obteríamos *trajetória militar*. Esta não seria, a nosso ver, uma opção adequada, visto que existe, em português, uma colocação que corresponde à do espanhol: *carreira militar*. No contexto, é precisamente este o significado pretendido.

O exemplo em (8), retirado do texto original bem como a tradução correspondente, ilustra também a questão das colocações:

(8)

- a) La gente acudía a despedir las tropas, se agotaban las ediciones de los periódicos y de los folletos que contaban semanalmente los avatares de la campaña, se organizaban con éxitos banquetes y actos para **recaudar fondos** y aparecieron voluntarios por doquier, incluidas las provincias catalanas y vascas, que habían sufrido la guerra carlista con mayor fuerza.

(Página 37, l.20)

- b) As pessoas iam despedir-se das tropas, esgotavam-se as edições dos jornais e dos folhetos que contavam semanalmente os avatares da campanha, organizavam-se banquetes que faziam sucesso, iniciativas para **angariar fundos** e surgiram voluntários de todo o lado, até dos distritos catalães e do País Basco, que haviam sofrido a guerra carlista com maior força.

(Página 22, l.11)

Em (8), a expressão *recaudar fondos* foi traduzida por *angariar fundos*. Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, *recaudar* significa: “Cobrar o percibir dinero; Asegurar, poner o tener en custodia, guardar; Alcanzar, conseguir con instancias o súplicas lo que se desea”. Perante o significado em espanhol, considerámos que em português, a expressão que mais se utiliza e adequa ao contexto é a colocação *angariar fundos*.

Finalmente, apresentamos em (9) um outro exemplo, de colocação que considerámos interessante.

(9)

a) El coronel Manella, jefe del Regimiento de Caballería Alcántara, **propuso parlamentar** con el enemigo, pero esto fue rechazado.

(Página 145, l.22)

b) O coronel Manella, comandante do Regimento da Cavalaria Alcântara, **propôs entrar-se em conversações** com o inimigo, o que foi recusado.

(Página 105, l.9)

Neste caso, a expressão *propuso parlamentar* foi traduzida por *propôs entrar-se em conversações*. De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola *parlamentar* designa “Dicho de una o de varias personas; Hablar o conversar con otra o con otras; Entablar conversaciones con la parte contraria para intentar ajustar la paz, una rendición, un contrato o para zanjar cualquier diferencia”. Tendo em conta o significado de *parlamentar*, focámo-nos na segunda atestação, *Entablar conversaciones con la parte contraria*, decidindo usar a colocação portuguesa *entrar em conversações*, frequente na área política, no contexto de negociações.

#### 1.1.4 Expressões idiomáticas

Xatara (1998 apud Sabino 2010:3) define expressão idiomática como uma unidade de léxico “complexa indecomponível, conotativa e cristalizada num idioma pela tradição cultural”.

Segundo Sabino (2010), para que as expressões idiomáticas sejam consideradas indecomponíveis, é necessário que constituam uma combinatória fechada. Por outras palavras, não existem possibilidades de substituição por associação paradigmática e a sua variação na forma tenderá a ser pouca ou nenhuma para não causar más interpretações. No mesmo sentido, Legroski (2012:7) afirma que o significado total das expressões idiomáticas não depende do sentido de cada um de seus componentes, já que se trata de expressões opacas.

Relativamente ao campo da tradução, as expressões idiomáticas apresentam muitas vezes um problema para o tradutor. O primeiro passo que o tradutor deve dar ao traduzir uma expressão idiomática é ter a certeza de que percebeu o significado desta expressão; de seguida, deve verificar se existe uma expressão idiomática correspondente

na língua de chegada e, caso não haja, deve focar-se no sentido e concentrar-se em passá-lo para a língua pretendida.

Para as expressões idiomáticas que foram aparecendo ao longo da tradução, tentámos, sempre que possível, usar a expressão idiomática correspondente em português. Tal facto encontra-se ilustrado nos exemplos (10) e (11).

**(10)**

- a) **Llovía a mares** y los españoles apenas podían distinguir al enemigo hasta que se les echaba encima.

(Página 43, l.4)

- b) **Chovia a cântaros** e os espanhóis apenas podiam divisar o inimigo quando já o tinham em cima.

(Página 26, l.16)

Em (10), como primeiro passo para a compreensão do significado da expressão idiomática pretendida, procurámos, no dicionário da Real Academia Espanhola, a definição da palavra *mar*, nessa definição encontrámos a acessão *a mares* que dizia o seguinte:

**A mares:** 1. loc. adv. abundantemente. *LLORAR, LLOVER, SUDAR a mares.*

Depois de percebido o significado da expressão espanhola, pensámos na expressão idiomática correspondente em português, *chover a cântaros* com o significado referido no dicionário português Priberam:

**Chover a cântaros:** chover torrencialmente.

**(11)**

- a) Muley el Abbas se había retirado, **huyendo a uña de caballo**, desistiendo de la defensa de la ciudad.

(Página 52, l.23)

- b) Muley el Abbas havia-se retirado, **fugindo a sete pés**, desistindo da defesa da cidade.

(Página 33, l.33)

No dicionário da RAE, encontramos, a partir da entrada *uña*, o significado da expressão que procurávamos:

**A uña de caballo:** loc. adv. coloq. A todo el correr del caballo. *Huir, escapar, salir a uña de caballo.*

Após termos percebido o sentido da expressão, considerámos que a expressão idiomática portuguesa correspondente à espanhola seria *fugir a sete pés*, mantendo-se, assim, o significado de fugir muito rapidamente.

### 1.1.5 Falsos amigos

De acordo com Miranda (2008:1), os falsos amigos “são duas unidades lexicais de duas línguas que apresentam uma convergência fonológica total ou parcial, mas uma divergência de significado”. A semelhança na forma mas a diferença no significado fazem dos falsos amigos um problema para a tradução. Por essa razão, o tradutor tem de prestar atenção de forma particular a este fenómeno, visto que, rapidamente e sem que se aperceba, pode estar a apoiar-se num falso amigo.

Seguidamente, mostramos alguns casos de falsos amigos que foram aparecendo ao longo da tradução do trabalho de projeto.

#### a) Provincias – distritos

a) La gente acudía a despedir las tropas, se agotaban las ediciones de los periódicos y de los folletos que contaban semanalmente los avatares de la campaña, se organizaban con éxitos banquetes y actos para recaudar fondos y aparecieron voluntarios por doquier, incluidas las **provincias** catalanas y vascas, que habían sufrido la guerra carlista con mayor fuerza.

(Página 37, l.20)

b) As pessoas iam despedir-se das tropas, esgotavam-se as edições dos jornais e dos folhetos que contavam semanalmente os avatares da campanha, organizavam-se banquetes que faziam sucesso e iniciativas para angariar

fundos, surgiram voluntários de todo o lado, até dos **distritos** catalães e do País Basco, que sofreram a guerra carlista com maior força.

(Página 22, l.11)

O nome *provincias* em espanhol, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola (RAE), indica: “Cada una de las grandes divisiones de un territorio o Estado, sujeta por lo común a una autoridad administrativa”. Em português, segundo o Dicionário Priberam, *provincias* significa: “Nome de cada uma das partes que formam a divisão territorial de certos Estados”. Ambas as palavras têm um significado aparentado, contudo, em Portugal, o termo tem maior frequência de ocorrência no sentido de “qualquer parte de uma nação que não seja a capital e a sua área contígua; interior” (Priberam). Com base nesta última definição, considerámos mais apropriado, na tradução, especificar o sentido do texto original para o leitor português, traduzindo *provincia* por *distrito*, termo que não deixa margens para falsas interpretações e que se aproxima mais do termo espanhol. Note-se, ainda, que a ocorrência dos adjetivos *catalanas* e *vascas* no plural, nos levou a considerar que a tradução por *provincia* não era adequada, uma vez que, em Potuguês, este termo remete para uma (e só uma) divisão administrativa.

## **b) Azar - acaso**

a) *Arrastrábame el anhelo  
de azarosas aventuras,  
y emprendí atrevido vuelo  
en busca de extraño suelo  
y de extrañas criaturas.*

*Y dejé los pátrios lares  
y mil objetos queridos  
para atravesar los mares  
y lanzarme a los **azares**  
de mundos desconocidos.*

(Página 64, l.1)

- b) Arrastava-me o anelo  
de misteriosas aventuras,  
e empreendi atrevido voo  
em busca de um estranho solo  
e de estranhas criaturas.

E deixei os pátrios lares  
e mil objetos queridos  
para atravessar os mares  
e lançar-me aos **acazos**  
de mundos desconhecidos.

(Página 42, l.22)

A palavra *azar*, em espanhol, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, significa, para além de “Desgracia imprevista”, “Casualidad, caso fortuito”. A proximidade fonética com a palavra *azar* poderia levar-nos à tradução por esta mesma palavra, associada à má sorte e à infelicidade. Não é este, no entanto, o sentido da palavra do espanhol, pelo que traduzimos *azares* por “acazos”, tendo em conta a definição espanhola *casualidad, caso fortuito*, que se adapta ao texto e corresponde ao significado da palavra do texto de partida.

c) **Sítio – cerco**

- a) En realidad, las dos plazas constituían una sola posesión defendida por un sistema de fortificaciones exteriores que las hicieron inexpugnables a pesar de los numerosos ataques, **sítios** y asedios.

(Página 19, l.25)

- b) De facto, as duas praças constituíam apenas uma possessão defendida por um sistema de fortificações exteriores que as tornaram inexpugnáveis, apesar dos numerosos ataques, **cercos** e assédios.

(Página 9, l.11)

Neste caso, o falso amigo é o nome *sítio*, que, no dicionário da Real Academia Espanhola, é definido como:

1. m. Espacio que es ocupado o puede serlo por algo.
2. m. Lugar o terreno determinado que es a propósito para algo.
3. m. Casa campestre o hacienda de recreo de un personaje.
4. m. Acción y efecto de sitiar.
5. m. *Cuba*. Estancia pequeña dedicada al cultivo y a la cría de animales domésticos.
6. m. *Méx*. Parada de taxis autorizada.

No contexto da obra traduzida, a aceção 4 é a correta. Comparemos agora, com base no dicionário Priberam, a definição portuguesa do termo “sítio”:

**sítio**

(talvez do latim *situs*, *-us*, posição)

*s. m.*

1. Espaço que um objecto.. ou pessoa ocupa ou deve ocupar. = LUGAR
2. Chão, terreno.
3. Local, lugar, localidade.
4. [Informática] Página ou conjunto de páginas da Internet com informação diversa, acessível através de computador ou de outro meio electrónico...
5. [Brasil] Propriedade ou habitação rural. = CHÁCARA, QUINTA

**sítio**

(derivação regressiva de *sitiar*)

*s. m.*

1. Acto ou efeito de sitiar. = CERCO
2. [Figurado] Insistência ou perseguição.

Em português, existem, portanto, duas formas homónimas, sendo que apenas uma delas corresponde ao significado pretendido. Com efeito, poderíamos ter usado a forma *sítio* na tradução, mas isso poderia levar os leitores à 1ª aceção, a de lugar, mais comum em português contemporâneo, e não à 2ª, a de cerco. Assim, optámos por usar a forma *cerco*, que, sendo portadora de um significado inequívoco, elimina problemas de interpretação.

### 1.1.6 Empréstimos

Correia & San Payo de Lemos (2005:53) definem empréstimo como um termo polissêmico, que significa quer (i) o “processo de transferência de uma unidade lexical de um registo linguístico para outro dentro da mesma língua (‘empréstimo interno’), ou de uma língua para outra (‘empréstimo externo’), quer (ii) a “unidade que resulta do processo de transferência anteriormente descrito”. Tal fenómeno acontece sobretudo quando é necessário introduzir um conceito novo na língua de chegada, que não dispõe de um item lexical para o designar (Molina 2010).

Ngom (2000, apud Molina 2010:7) apresenta dois tipos de empréstimo linguístico no campo lexical. O primeiro tipo acontece quando a palavra incorporada numa língua é reconhecida como uma palavra estrangeira, ou seja, o público percebe que determinado item lexical é proveniente de outra língua; já o segundo tipo consiste na total incorporação do item lexical na língua que o recebe, por outras palavras, o item lexical já não é visto como estrangeiro, tornando-se natural pelo seu uso, ortografia e pronúncia idêntica a outras palavras da língua que importa o referido item.

O empréstimo pode ser uma boa estratégia de tradução porque, no caso de uma palavra ser intraduzível podemos usar a palavra do texto de partida, em itálico na língua de chegada, e, quando o empréstimo é reconhecível pelos falantes desta última, não é necessário fazer uma tradução por perífrase ou equivalência, que, por vezes, pode não ser suficiente.

Veja-se o empréstimo em negrito no exemplo (12), que ilustra o primeiro tipo de Ngom (2000):

#### (12)

a) Los españoles marchaban en condiciones penosas, sin descanso, constantemente hostigados por el fuego de la **harca** y sufriendo un número de bajas que, en algunas compañías, llegaba a la mitad.

(Página 122, l.5)

b) Os espanhóis caminharam em condições penosas, sem descanso, constantemente fustigados pelo fogo da **harca** e sofrendo um número de baixas que, em algumas companhias, chegava a metade do seu total.

(Página 87, l.31)

Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, o nome *harca* significa: “En Marruecos, expedición militar de tropas indígenas de organización irregular”. Na nossa tradução, podíamos ter traduzido *harca* pela definição dada. Desta forma, obteríamos uma tradução por perífrase, como *Os espanhóis caminharam em condições penosas, sem descanso, constantemente fustigados pelo fogo da expedição militar de tropas indígenas de organização irregular*. A outra opção era manter o nome do texto de partida.

Comparando as duas opções de tradução, decidimos recorrer ao empréstimo, que simplifica a estrutura, evitando a utilização de uma expressão demasiado longa. Todavia, uma vez que a palavra pode não ser familiar para o leitor português, introduzimos uma nota de tradutor na qual facultamos o significado de *harca*, utilizando a definição fornecida pelo dicionário da Real Academia Espanhola.

Decidimos usar o mesmo método em (13), com a palavra *tabores*:

(13)

a) Poco después llegaban los dos **tabores** de los Regulares de González Tablas, para muchos melillenses sospechosos, al estar formados por moros.

(Página 160, l.28)

b) Pouco depois, chegavam dois **tabores** dos Regulares de González Tablas, considerados suspeitos por muitos habitantes de Melilla, devido ao facto de serem ao estarem formados por mouros.

(Página 116, l.21)

Também no dicionário da Real Academia Espanhola, *tabores* é definido como: “En el antiguo protectorado español en Marruecos, unidad de tropa regular indígena perteneciente al ejército español y compuesta por varias mías o compañías”. Visto que não havia tradução por equivalência para o termo *tabores* em português, usámos o empréstimo, proporcionando a nossa tradução da definição do dicionário espanhol na nota do tradutor: *Unidade de tropa regular indígena pertencente ao exército espanhol e composta por várias milícias ou companhias*.

Em (14), apresentamos um empréstimo idêntico aos dois anteriores:

(14)

- a) Un poco después, el clamor fue aún mayor, al aparecer el *Ciudad de Cádiz* con dos **banderas** de La Legión que, desfilando al aire de su banda, se dirigieron al perímetro exterior de la ciudad para asegurar su defensa, tras oír la emocionada arenga de su coronel.

(Página 160, l.21)

- b) Um pouco depois, o clamor foi ainda maior, ao aparecer o *Ciudad de Cádiz* com duas **banderas** da Legião, que, desfilando ao compasso da sua banda, se dirigiram ao perímetro exterior da cidade para garantir a sua defesa, após ouvir a emocionada arenga do seu coronel.

(Página 116, l.15)

Neste caso, também usámos o empréstimo de primeiro tipo na palavra *banderas*, que tem como significado: “Cada una de las compañías de los antiguos tercios españoles” (dicionário da Real Academia Espanhola). Sabendo que se trata de um termo específico da linguagem militar espanhola, sem correspondência na linguagem militar portuguesa, optámos por utilizar o empréstimo, dando na nota do tradutor a nossa tradução da definição mencionada no dicionário espanhol: *Cada uma das companhias dos antigos Terços espanhóis*.<sup>7</sup>

Em (15), ao contrário dos exemplos anteriores, é o próprio autor do texto original que usa um empréstimo:

(15)

- a) Desde lo alto de la alcazaba observamos allá lejos, en dirección al **fondak**, la larga caravana de fugitivos que iba como en peregrinación a buscar refugio en los escabrosos montes o en las ciudades vecinas.

(Página 52, l.27)

- b) Do alto da alcáçova observamos ao longe, em direção ao **fondak** a longa caravana de fugitivos que ia como que em peregrinação procurar refúgio nos escabrosos montes ou nas cidades vizinhas.

(Página 34, l.2)

---

<sup>7</sup> Note-se que a palavra *banderas* pode também ser considerada um falso amigo, ou seja, poderia ter-nos levado à tradução por *bandeiras*, se não consultássemos previamente o dicionário de espanhol. Decidimos introduzi-la na secção dos empréstimos, uma vez que a nossa opção foi manter a forma do original.

Neste excerto, o autor decidiu usar o empréstimo árabe *fondak* (*al-fondak*), apesar de, com base no dicionário da Real Academia Espanhola, existir um correspondente espanhol para esse termo, *fondac*, que é definido como: “En Marruecos, hospedería y almacén donde se negocia con las mercancías que llevan allí los traficantes”. Neste caso, decidimos manter o empréstimo usado pelo autor acrescentando, de novo, uma nota de tradutor, que inclui o correspondente espanhol e a definição encontrada no dicionário: “Fondak, *em espanhol* *fondac*: *em Marrocos*, *hospedaria onde se negociam as mercadorias levadas pelos traficantes*.”

Finalmente, considerámos, ainda, interessante a utilização de *statu quo* no excerto seguinte:

(16)

- a) El **statu quo** sobre la política del imperio creaba una situación de tensión entre las potencias interesadas en la intervención.  
(Página 78, l.19)
- b) O **statu quo** sobre a política do império criava uma situação de tensão entre as potências interessadas na intervenção.  
(Página 54, l.2)

Tendo conhecimento que *statu quo* é a forma abreviada da expressão latina *in statu quo res erant ante bellum* (“no estado em que as coisas estavam antes da guerra”), e conhecendo a utilização de uma outra forma, *status quo*, tivemos dúvidas relativamente à forma a usar: *status quo* ou *statu quo*. Encontrámos a resposta, entre outras informações que nos interessavam, na secção das dúvidas linguísticas do dicionário Priberam, (<http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica.aspx?DID=1116>):

A grafia correcta, atestada pelos principais dicionários de língua portuguesa, é ***statu quo*** e **significa “o estado das coisas em determinado momento”**. Esta locução, que se fixou por influência da área diplomática, é a redução da expressão latina *in statu quo ante* que significa “no estado em que se encontrava antes”.

Em português (e em outros idiomas como o francês ou o espanhol), a locução *statu quo* perdeu o valor adverbial latino e adquiriu valor de substantivo (ex.: *A manifestação não*

*representa uma ruptura do statu quo*), o que pode estar na origem do aparecimento da forma *status quo*.

Esta resposta levou-nos a decidir manter o empréstimo latino *statu quo*, como no texto de partida.

## **1.2 Léxico especializado**

Segundo Correia (2005:1), os termos são “unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos”. É, assim, necessário considerar que “a unidade terminológica é uma unidade lexical, mas nem todas as unidades lexicais são unidades terminológicas. Para que uma unidade lexical seja considerada uma unidade terminológica é necessário que esta unidade faça parte de um sistema de conceitos.” (Cruz 2012:41). Assim, o termo apresenta cinco características fundamentais:

- 1) O termo distingue-se pela sua extensão semântica e define-se sobretudo em relação ao significado, mais do que ao significante;
- 2) O significado do termo define-se relativamente ao conjunto de significações dos termos que pertencem ao mesmo domínio; um termo não pode ser considerado isoladamente, ele está sempre dependente de um conjunto semântico a que pertence, ou de uma disciplina ou de uma ciência;
- 3) Um termo corresponde, teoricamente, apenas a um conceito. Esta característica do termo baseia-se num postulado da terminologia, isto é, a relação da univocidade entre denominação e conceito;
- 4) Os termos possuem processos próprios de terminogénese;
- 5) A homonímia não constitui ambiguidade, uma vez que o termo pertence a um grupo semântico específico; deste modo, no plano do discurso, um termo constitui uma relação denominação-noção que é atualizada pelo contexto e, no plano lógico, encontra-se numa estrutura hierárquica nocional pertencente a um determinado domínio.

(Cruz 2012:41-42)

Para se perceber melhor esta definição, Contente (2008) apresenta o seguinte esquema:

$T \text{ (termo)} = \frac{D \text{ (denominação)}}{N \text{ (noção)}} = \frac{\text{Significante}}{\text{Significado}}$
--

**Ilustração 1:** Imagem esquemática de termo (Contente 2008:36)

Em suma, um termo é determinado pelo que o rodeia, pelo contexto em que é inserido numa linguagem especializada, o que vai contrastar com a unidade lexical homónima, que usamos no nosso quotidiano, através do contexto de especialidade (Cruz 2012:42).

O caso (17), da nossa tradução, apresenta um exemplo de um termo da área militar que contrasta com a unidade lexical homónima própria linguagem não especializada:

**(17)**

Cobertura	Cobertura	<p>Nas operações terrestres, é a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram intercetá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo, antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou sobre a força coberta.</p>
-----------	-----------	---

Neste caso, a palavra pode ser usada como termo, na aceção que lhe é atribuída em (17), e ter uma palavra homónima na linguagem não especializada, em que significa a parte de cima de um edifício ou um ingrediente que se usa para cobrir um bolo (por exemplo, um bolo com cobertura de chocolate).

O caso (18) também é um bom exemplo de uma palavra que funciona como termo de uma linguagem especializada e, ao mesmo tempo, como uma palavra da linguagem não especializada:

**(18)**

Dispersión	Dispersão	Distribuição sistemática dos rebentamentos de bombas lançadas sob idênticas condições ou de projéteis atirados por uma mesma arma ou grupos de armas com os mesmos elementos de tiro; Espaçamento de tropas, navios, material, edificações e atividades, numa ampla área, a fim de não apresentar um alvo concentrado.
------------	-----------	--

Em (18), a palavra *dispersão* é usada como termo da linguagem militar, mas, na linguagem não especializada significa: “Ato ou efeito de dispersar; separação (de pessoas ou coisas) para diferentes partes; debandada” (Priberam).

Por fim, achamos que o exemplo (19) também ilustra bem esta questão:

**(19)**

Limite	Limite	Linha, normalmente balizada por acidentes de terreno facilmente identificáveis, destinada a definir área de responsabilidade e a facilitar a coordenação e o controle dos fogos e da manobra.
--------	--------	---

O termo *limite*, na área militar, é definido como em (19), mas, na linguagem não especializada, corresponde a “Linha que separa superfícies ou terrenos contínuos (mais usado no plural) = estrema, fronteira, raia; momento ou espaço que correspnde ao fim ou ao começo de algo = confim, extremo; termo, meta.” (Priberam).

Apresentamos no Anexo I um protótipo de glossário que inclui os termos que surgiram durante a tradução. Tal glossário foi constituído com base na consulta das seguintes fontes: *Glossário de Termos e Expressões para o uso no Exército*; *Dicionário Aurélio*; *Dicionário Priberam*. Além destas fontes, consultámos os seguintes sites:

- <http://culturacuiaba.wordpress.com/2011/03/16/qual-era-a-funcao-do-almotace/>;
- [http://direitoshumanos.gddc.pt/2\\_1/IIPAG2\\_1\\_1.htm](http://direitoshumanos.gddc.pt/2_1/IIPAG2_1_1.htm);
- <http://www.infoescola.com/compostos-quimicos/gas-mostarda/>;
- <http://www.marinha.pt/pt-pt/meios-operacoes/armada/fuzileiros/Paginas/Fuzileiros.aspx>;
- <http://www.militarcristao.com.br>
- [http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario\\_fa.pdf](http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf)

O glossário integra os termos por ordem alfabética. Para cada letra do alfabeto apresentamos uma tabela com três células, intituladas “Original”, “Tradução” e “Definição”. Na primeira célula, colocámos o termo em espanhol; na segunda, “Tradução”, introduzimos a tradução desse termo; por último, na “Definição”, apresentamos as definições resultantes da pesquisa das fontes indicadas referentes ao termo em análise.

Para a definição dos termos, citámos a fonte consultada e identificada em cada caso. Procedemos apenas a adaptações ao Português europeu, no caso de fontes de Português brasileiro.

### **1.3 Denominações e topónimos**

Na tradução realizada para o relatório de projeto, surgem várias denominações (como títulos de livros) e muitos topónimos, que levantam diversas questões. Neste caso, podem colocar-se três hipóteses: (i) traduzi-los; (ii) manter o original; (iii) manter o original e simultaneamente traduzir. Optar por uma destas hipóteses nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que devem ser tidos em consideração não só aspetos linguísticos (a palavra já existe na língua de chegada) como também culturais (o grau de conhecimento do público-alvo). Newmark (1988:100), por exemplo, considera que um critério para se resolver esta questão é o grau de conhecimento da audiência “In general, the more serious and expert the readership, particularly of reports and academic papers,

the greater the requirement for transference, not only of cultural and institutional terms, but of titles, addresses and words used in a special sense”. Contudo, como assinala Sá (2012:88-89) estes critérios não devem constituir uma regra mas apenas servir como guia. Por isso, na tradução a que este relatório se refere traduzimos as denominações e os topónimos para português quando se encontram atestados nesta língua e mantivemos os originais quando em português não se encontra a sua tradução.

Nesta secção, apresentaremos alguns casos relacionados com a tradução de títulos de livros e topónimos que foram aparecendo ao longo da tradução em que trabalhámos. Essa apresentação será feita juntamente com uma breve justificação da nossa opção de tradução.

#### **a) Títulos de livros**

No caso das obras literárias, tendo em conta que o autor do livro mantém os títulos originais de obras inglesas, francesas e alemãs, decidimos também não apresentar tradução para as obras espanholas citadas, mantendo na língua de chegada a versão da língua de partida.

Podemos ver isso nos exemplos seguintes, com títulos de obras em espanhol, exemplo (20), em inglês, exemplo (21), em francês, exemplo (22), e em alemão, exemplo (23).

#### **(20)**

- a) En 1844 Serafín Estébanez Calderón publicó su *Manual del oficial en Marruecos* (...)  
(Página 30, l.20)
- b) Em 1844, Serafín Estébanez Calderón publicou o seu *Manual del oficial en Marruecos* (...)  
(Página 17, l.32)

#### **(21)**

- a) Destaca *Morocco and the Moors. Western Barbary: Its Wild Tribes and Savage Animals* (1869), o las memorias publicadas en 1896.  
(Página 35, l.30)

- b) Destaca-se *Morroco and the Moors. Western Barbary: Its Wild Tribes and Savage Animals* (1869) ou as memórias publicadas em 1896.

(Página 20, l.37)

(22)

- a) A falta de fotografos, acudían también innumerables dibujantes, que han dejado bellos testimonios de los acontecimientos, de los que el más célebre fue el francés Charles Yriarte, que, además de sus dibujos, dejó una excelente crónica: *Sous la tente; récits de guerre et de voyages*.

(Página 61, l.2)

- b) Debido à falta de fotografos, apareciam igualmente inúmeros desenhadores, que deixaram belos testemunhos dos acontecimentos; o mais célebre foi o do francês Charles Yriarte, que, além dos seus desenhos, deixou uma excelente crónica: *Sous la tente; récits de guerre et de voyages*.

(Página 40, l.11)

(23)

- a) Alguno de ellos dejó sus impresiones en libros, como el bávaro Schlagintweit: *Der Spanisch-Marrokkanische Krieg in den Jarhen 1859 und 1860*, o el prusiano Von Goeben.

(Página 61, l.8)

- b) Alguns deles deixaram as suas impressões em livros, como o bávaro Schlagintweit em *Der Spanisch-Marrokkanische Krieg in den Jarhen 1859 und 1860*, ou o prussiano Von Goeben.

(Página 40, l.16)

## b) Topónimos

No caso dos topónimos, como já foi referido, traduzimo-los para português quando eles se encontram atestados nesta língua e mantivemos os originais quando em português não se encontra a sua tradução.

Assim, *Túnez* foi traduzido como *Tunes*, *Tánger* como *Tânger* e *Bugía* como *Bugia*. No entanto, mantivemos topónimos para os quais não existe um equivalente em

português, de que são exemplo *Vélez de la Gomera, Alhucemas, Larache, Santa Cruz de Mar Pequeña*.

## 2 ASPETOS SINTÁTICOS

Nesta secção, daremos atenção aos aspetos sintáticos que, tal como os aspetos lexicais, são cruciais para a realização de uma boa tradução. Conhecer as diferenças e as semelhanças sintáticas existentes entre a língua de partida e a língua de chegada é imprescindível para evitar que a tradução contenha sequências agramaticais ou ambíguas, que diminuem a qualidade de tradução. Nos pontos seguintes, trataremos de fenómenos sintáticos relevantes na nossa tradução como os modificadores, as propriedades de subcategorização dos predicados verbais, as estruturas de coordenação, a ordem de palavras, e a tradução de frases complexas por frases simples.

### 2.1 Modificadores

De acordo com o *Dicionário Terminológico*, *modificador* é a “função sintática desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintático de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afeta a gramaticalidade de uma frase. Os modificadores podem relacionar-se com frases ou orações, constituintes verbais ou nominais. Os modificadores podem ter diferentes formas e diferentes valores semânticos”.

Numa mesma frase, podem ocorrer, em posições variadas, diferentes modificadores, veiculando informação semântica de natureza diversa. Centremo-nos, em primeiro lugar, nas frases relativas, que se comportam tipicamente como modificadores de expressões nominais ou de frases. Devido à propriedade da linguagem conhecida como *recursividade*, é possível expandir sintagmas nominais através de uma sucessão de relativas. É o que acontece no exemplo (24), retirado da obra traduzida.

(24)

- a) Los sitiadores comenzaron por asediar la torre del Nacimiento, **que** protegía el manantial **que** abastecía de agua a la localidad, **que** cayó tras casi dos meses de resistencia.

(Página 20, l.12)

A sucessão de relativas, embora permitida pela gramática das duas línguas, pode, no entanto, dar origem a frases demasiado longas, difíceis de processar, ou a frases ambíguas. No caso particular de (24) a relativa explicativa *que cayó tras casi dos meses de resistència* cria alguma ambiguidade, visto que o pronome *que* pode tomar como seu antecedente *el manantial que abastecía de agua a la localidad*, apresentando, assim, informação acessória sobre o referido manancial, ou *la localidad*, caso em que a interpretação obtida é a de que foi a localidade que caiu. Sendo esta última a interpretação pretendida (considerando o contexto e o conhecimento que temos do mundo) e a fim de evitarmos um sintagma nominal demasiado longo, optámos por eliminar a relativa em questão. Assim, iniciámos um novo período, introduzindo como sujeito o pronome demonstrativo *esta*, correfente do nome *localidade*.

(24)

- b) Os sitiantes começaram por assediar a torre do Nascimento, que protegia o manancial que abastecia de água a localidade; **esta** caiu após quase dois meses de resistência.

Em outros casos, alterámos a categoria sintática do modificador. Veja-se, a título de exemplo, os excertos em (25):

(25)

- a) Si los españoles se llevaron el cadáver de Amezián a Melilla era porque tenían particular interés en que todos en la ciudad, cristianos y musulmanes, viesen que el muerto era efectivamente él. Con ello destruían la leyenda de su inmortalidad **entre los rifeños** y desmoralizaban a la resistencia, que se veía privada de su carismático jefe.

(Página 123, l.7)

- b) Se os espanhóis levaram o cadáver de Amezián para Melilla, era porque tinham particular interesse em que todos na cidade, cristãos e muçulmanos, vissem que o morto era efetivamente ele. Com isso, destruía a lenda da sua imortalidade **que circulava entre os rifeños** e

desmoralizavam a resistência, que se via privada do seu chefe carismático.

(Página 88, 1.26)

O original, com um modificador de categoria sintagma preposicional *entre los rifeños* introduz ambiguidade: (i) a imortalidade de Amezián era uma lenda que circulava entre os rifeños, (ii) entre os rifeños, Amézián era o único imortal. Para evitarmos esta ambiguidade, e considerando que a interpretação pretendida é a que se apresenta em (i), optámos por introduzir uma frase relativa *que circulava entre os rifeños*, alterando, assim, a categoria sintática do modificador, sem, no entanto, alterar a interpretação pretendida.

## 2.2 Propriedades de subcategorização dos predicados verbais

Conhecer uma palavra significa conhecer não só o seu formato fonético e a sua categoria gramatical, mas também as suas propriedades quanto aos argumentos que seleciona. Assim, os itens lexicais podem condicionar a categoria sintática ou gramatical dos constituintes que funcionam como seus complementos. No caso particular dos verbos, por exemplo, “cada verbo «escolhe» a categoria gramatical dos constituintes com os quais pode, não pode, ou deve ocorrer no interior do VP [Sintagma Verbal]” (Raposo 1992:91). Este fenómeno é designado como subcategorização ou seleção categorial.

No campo da tradução, é necessário ter em conta que verbos equivalentes podem ter propriedades de subcategorização distintas nas línguas de partida e chegada. No caso do par Espanhol-Português, é bem conhecido o facto dos verbos transitivos da primeira língua, mas não da segunda, subcategorizarem sintagmas preposicionais como seu Objeto Direto se este for humano:

### (26)

a) Algunos jefes cabileños que apoyaban **al rebelde** también temieron que, con la caída de este, perdieran su parte de las cantidades que le llegaban.

(Página 98, 1.2)

b) Alguns chefes cabilenhos que apoiavam **o rebelde** também temeram perder, com a sua queda, a parte das importâncias que lhes era destinada.

(Página 69, l.2)

As diferenças relativamente às propriedades de subcategorização entre verbos equivalentes estiveram também na origem das alterações a que procedemos em (27):

(27)

- a) En defensa de Fernández Silvestre hay que decir que la función protectora de la autoridad española no permitía los abusos, atrocidades, rapacidad y desmanes que El Raisuni **empleaba para someter y mandar a las cabilas de la zona.**

(Página 124, l.24)

- b) Em defesa de Fernández Silvestre, há que dizer que a função protetora da autoridade espanhola não permitia os abusos, as atrocidades, as rapacidades e os excessos que El Raisuni **empregava para submeter as cabilas da zona e exercer sobre elas o poder.**

(Página 89, l.32)

Neste caso, encontram-se coordenados dois verbos que, em espanhol, *someter* e *mandar*, subcategorizam um complemento direto, neste caso preposicionado, visto que o nome é humano. Os dois verbos partilham, portanto, em espanhol, as suas propriedades de subcategorização. Em português, porém, se o verbo *submeter* subcategoriza um sintagma nominal como seu complemento, o mesmo não acontece com *mandar* (no sentido de ter poder sobre alguém). Assim, optámos por substituir este último verbo pela colocação *exercer o poder*. Esta substituição levou-nos a fazer duas alterações: em primeiro lugar, dado que *a las cabilas de la zona* não pode funcionar como complemento do segundo verbo em português, introduzimos o objeto direto à direita do verbo *submeter*; em segundo lugar, para respeitar as propriedades de subcategorização do nome *poder*, que integra a colocação por nós selecionada, introduzimos um sintagma preposicional introduzido por *sobre*. Neste último caso, para evitar a repetição do sintagma nominal *las cabilas de la zona*, usámos um pronome pessoal, *elas*.

### 2.3 Estruturas de coordenação

De acordo com Matos (2003:551), “a coordenação é um processo de formação de unidades complexas. Caracteriza-se por combinar constituintes do mesmo nível categorial - núcleos ou constituintes plenamente expandidos, i.e., sintagmas ou frases - que desempenham as mesmas funções sintáticas e semânticas”.

No texto traduzido, ocorrem excertos em que a mesma conjunção de coordenação ocorre duas vezes, entre constituintes superficialmente adjacentes mas de nível diferente. Veja-se o exemplo (28)

(28)

a) Después Silvestre ordenó tomar Talilit. Pretendía asegurar el camino a Sidi Dris, como manera de llegar al mar y ser aprovisionados o reforzados por esta vía, y también garantizar el paso de retaguardia con Ben Tieb.

(Página 143, l.3)

b) Seguidamente, Silvestre ordenou que se conquistasse Talilit. Pretendia assegurar o caminho para Sidi Dris, como forma de chegar ao mar e ser abastecido ou reforçado por esta via; **pretendia** também garantir a passagem de retaguarda com Ben Tieb.

(Página 103, l.7)

Neste caso, a primeira conjunção *y* liga os constituintes *llegar al mar e ser aprovisionados o reforzados por esta vía*; a segunda associa *asegurar el camino a Sidi Dris, como manera de llegar al mar y ser aprovisionados o reforzados por esta vía a garantizar el paso de retaguardia con Ben Tieb*.

Embora correndo o risco de alterar o estilo do autor, optámos, na maioria dos casos, por evitar este tipo de coordenação. Assim, iniciámos um novo período, introduzindo o verbo que seleciona a frase infinitiva *pretender*.

Consideremos o caso (29):

(29)

a) El convenio fue incumplido en innumerables ocasiones, pero el balance fue positivo. Para los españoles, porque se garantizaron la paz y la

armonía y se redujo considerablemente la actividad pirata, y para los marroquíes porque la balanza comercial les fue favorable durante muchos años.

(Página 28, l.5)

- b) O convénio não foi cumprido em numerosas ocasiões, mas o balanço foi positivo, **quer**, para os espanhóis, porque se garantiu a paz e a harmonia e se reduziu consideravelmente a pirataria, **quer** para os marroquinos, porque a balança comercial lhes foi favorável durante muitos anos.

(Página 16, l.2)

Neste caso, para evitarmos a repetição da conjunção *e*, utilizámos a conjunção correlativa *quer...quer* para ligar os dois constituintes mais altos.

## 2.4 Ordem de palavras

Nesta secção, focar-nos-emos em questões relacionadas com a ordem de palavras no original e no texto que resultou da tradução. Ao longo do trabalho de tradução foram aparecendo vários casos em que tivemos de proceder à alteração da ordem de palavras do texto de partida. Consideremos o caso (30):

(30)

- a) Silvestre parece actuar con precaución, pero el 1 de junio toma sorprendentemente Abarrán, una posición avanzada situada en una loma. La tomó el comandante Villar en la amanecida, con mil quinientos hombres, la fortificó y dejó en ella a 100 regulares y 100 harqueños con cuatro piezas de artillería. Por la tarde **atacaron los moros** y se perdió la posición.

(Página 141, l.28)

- b) Silvestre parece atuar com precaução, mas, no dia 1 de junho, conquista surpreendentemente *Abarrán*, uma posição avançada situada numa colina. O major Villar conquistou-a, durante a madrugada, com mil e quinhentos homens, fortificou-a e deixou nela 100 regulares e 100 arqueiros com quatro peças de artilharia. À tarde, os **mouros atacaram** e perdeu-se a posição.

(Página 102, l.8)

Em (30), procedeu-se à alteração da ordem das palavras para evitar ambiguidade. Com efeito, *os mouros* é o sujeito de *atacaram*, mas a frase também podia ser analisada como contendo um sujeito nulo, correferente de *100 regulares y 100 harqueños com cuatro piezas de artillería* e, então, o constituinte *os mouros* corresponderia ao objeto direto. Tendo em conta o contexto, foi possível identificar que a interpretação pretendida era a primeira, em que *os mouros* é o sujeito da frase, pelo que optámos pela alteração à ordem de palavras. Não se trata, porém, de uma alteração obrigatória, visto que, em português, como em espanhol, o sujeito pode ocupar a posição pós-verbal.

Também como forma de evitar ambiguidades, alterámos a posição de sujeito na frase relativa assinalada a negrito em (31):

(31)

- a) Había una creencia antigua, que luego se demostró falsa, de la riqueza minera **que albergaba el Rif central** y que atrajo a aventureros de toda especie, buscadores de oro y empresarios que esperaban encontrar la veta mágica.

(Página 28, l.23)

- b) Existia uma crença antiga, que posteriormente se demonstrou ser falsa, na riqueza mineira **que o Rife central albergava** e que atraiu aventureiros de toda a espécie, exploradores de ouro e empresários que esperavam encontrar o filão mágico.

(Página 92, l.31)

Neste caso, a frase do original pode ter duas interpretações: (i) ou a riqueza mineira albergava o Rife central (*el Rif central* seria o objeto direto do verbo *albergar* e o pronome relativo *que* seria o sujeito) ou (ii) o Rife central albergava a riqueza mineira (caso em que *el Rif central* seria o sujeito e o pronome relativo *que*, objeto direto). Ora, o conhecimento do mundo permite-nos selecionar a segunda leitura; para evitarmos a ambiguidade, optámos, de novo, por alterar a ordem das palavras, colocando o constituinte *el Rif central* em posição pré-verbal. Desta forma, é entendido como sujeito do verbo *albergar* e não como objeto direto.

Consideremos, de seguida, o exemplo em (32):

(32)

a) En agosto de 1911 unos trabajadores de la Comisión Geográfica que levantaban un plano fueron agredidos y durante la noche se vieron las hogueras **en los montes** que llamaban a la harca contra España.

(Página 120, l.9)

b) Em agosto de 1911, alguns trabalhadores da Comissão Geográfica que elaboravam um mapa foram agredidos e, durante a noite, viram-se, **nos montes**, as fogueiras que chamavam a *harca* contra a Espanha.

(Página 86, l.15)

Neste caso, recorreremos à alteração da posição do sintagma preposicional *nos montes* também como forma de evitar a ambiguidade, visto que, mantendo a posição do texto original, o pronome relativo pode ter como antecedente *montes* e não *fogueiras*. Note-se que esse pronome corresponde ao sujeito da frase relativa e é marcado como plural (veja-sea concordância com o verbo), pelo que pode tomar como antecedente qualquer um dos nomes atrás referidos. Ora, na interpretação pretendida não eram os montes que chamavam a *harca* mas sim as fogueiras.

Nos exemplos seguintes, recorreremos à alteração da posição de pronomes clíticos (“formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos”; Brito, Duarte e Matos 2003:827), uma vez que esta é uma questão que distingue o espanhol do português. Vejamos o exemplo (33):

(33)

a) El mar Mediterráneo, tradicionalmente lugar de comercio, **se** había convertido en un lugar inseguro en el que piratas y corsarios impedían el tráfico de los comerciantes cristianos que antes se entregaron a un comercio reglado y respetado, y en el que las poblaciones ribereñas vivían con el constante temor a ataques moros.

(Página 10, l.29)

b) O mar Mediterrâneo, tradicionalmente lugar de comércio, **havia-se** convertido num local inseguro, no qual piratas e corsários impediam a

atividade dos comerciantes cristãos, que antes praticavam um comércio com regras e respeitoso, e no que as populações ribeirinhas viviam com medo constante dos ataques mouros.

(Página 2, l.15)

Em (33), o pronome clítico *se* encontra-se em posição de próclise no original, *se había*; já em português, tivemos que colocar o pronome clítico em posição de ênclise, *havia-se*, tendo em conta que, neste contexto, não existe um desencadeador de próclise.

Consideremos, agora, o exemplo (34):

(34)

a) Por eso Estébanez concluye: «Todos los esfuerzos de la diplomacia **se entrellarán** contra la naturaleza de las cosas, y la España debe seguir cuidadosamente con los ojos acontecimientos tan importantes para que no la sorprenda desapercibida.

(Página 31, l.15)

b) Por isso, Estébanez conclui: «Todos os esforços da diplomacia **chocar-se-ão** com a natureza das coisas, e a Espanha deve acompanhar cuidadosamente, com os olhos bem abertos, acontecimentos tão importantes para que não seja apanhada desprevenida.

(Página 18, l.18)

Em (34), enquanto em espanhol o pronome clítico *se* encontra em posição de próclise, *se entrellarán*, em português, alterámos a sua posição, colocando-o em posição de mesóclise, *chocar-se-ão*, padrão obrigatório com o futuro do indicativo em português, quando não ocorrem desencadeadores de próclise.

## 2.5 Tradução de frases complexas por frases simples

Segundo o *Dicionário Terminológico*, a expressão *frase complexa* é definida por “Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo. As frases complexas são frases que contêm mais do que uma oração”.

O mesmo dicionário apresenta a seguinte definição para *frase simples*: “Frase em que existe um único verbo principal ou copulativo”.

Considere-se o exemplo (35):

(35)

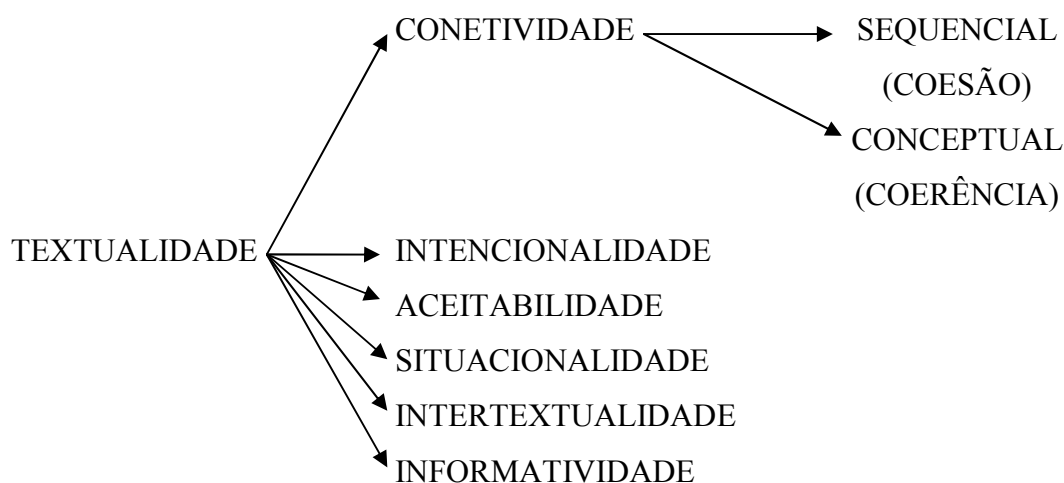
- a) Las comunicaciones entre Tetuán y Larache o Tánger **eran** imposibles si no se **hacían** por mar.  
(Página 131, l.14)
- b) As comunicações entre Tetuán e Larache ou Tânger apenas **eram** possíveis por mar.  
(Página 94, l.12)

Este exemplo ilustra a tradução de uma frase complexa que, no texto de partida, inclui uma subordinada adverbial condicional. Neste caso, optámos por traduzir esta frase complexa por uma frase simples, tratando-se de uma estratégia de simplificação, que permite reduzir dificuldades de interpretação resultantes da associação de um adjetivo com valor negativo, *imposibles*, e de uma frase negativa, a subordinada condicional.

### 3 ASPETOS DE COESÃO TEXTUAL

Segundo Bassols & Torrent (2003:24), na linha de Adam (1987), um texto é uma unidade composta por várias sequências, que podem ser de tipo semelhante ou diferente. Essa unidade é apresentada como «una red de relaciones jerárquicas, una totalidad que se puede descomponer en partes relacionadas entre sí y con el todo. Una entidad relativamente autónoma, dotada de una organización interna que le es propia» (Bassols e Torrent 2003:24). Ao conjunto de propriedades que uma manifestação de linguagem humana deve possuir para ser um texto damos o nome de textualidade (Mateus 1989).

As propriedades da textualidade são a conetividade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade e a informatividade.



**Ilustração 2:** propriedades da textualidade (Mateus 1989:136)

A conetividade existe quando entre uma ocorrência textual A e uma ocorrência textual B, as interpretações de A e B são semanticamente interdependentes (Mateus 1989:135). A conetividade pode ser sequencial (coesão) ou conceptual (coerência). Designamos por coesão, “todos os processos de sequencialização que asseguram uma ligação significativa- nos diversos níveis de análise- entre elementos que ocorrem na superfície textual são instrumentos de coesão” (Mateus 1989:135). Quanto à coerência, “é um fator de textualidade que resulta da interação entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo”. (Mateus 1989:146).

A intencionalidade diz respeito à atitude do locutor do texto e às suas intenções em avançar com o seu objetivo de forma coesa e coerente. Por sua vez, a aceitabilidade está relacionada com o grau de tolerância do texto à situação, ou seja, “consoante a instituição em que o texto é produzido, circula e é reconhecido, a posição e o poder simbólico do locutor e do alocutário, a relação entre ambos, o assunto do texto e o tipo de texto, são tolerados um maior ou menor número/ grau de desvios, rupturas, reformulações, imprecisões, isto é, são tolerados mais ou menos «atentados» à coesão e coerência” (Mateus 1989:136).

A situacionalidade designa os factores que tornam um texto apropriado ou adequado numa situação que integra os participantes, o locutor e alocutário, bem como

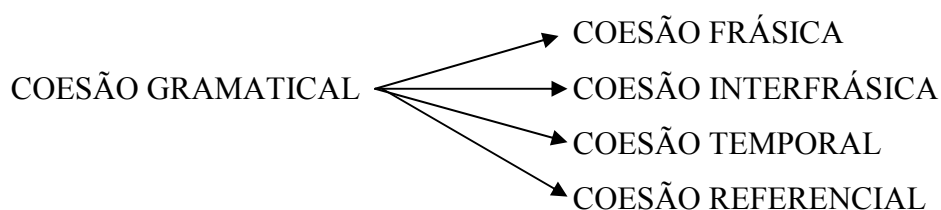
todos os factores reguladores da interação verbal, lugares, papéis sócio-simbolicamente regulados (Mateus 1989:137).

A intertextualidade designa o conhecimento de um texto para mencionar outros, relacionando “um texto concreto com a memória textual coletiva, a memória de um grupo ou de um indivíduo específico” (Mateus 1989:137). Tendo em conta que é na memória textual coletiva e de grupo que se vai originar a definição de modelos textuais (tipos de textos), a intertextualidade está presente num dado texto através de citações, remissões, comentários, reformulações ou relatos de fragmentos de textos relevantes.

Por último, a informatividade é como um jogo de informação entre o que é esperado e inesperado, “um texto com um baixo grau de informatividade tem efeitos negativos sobre a atenção do ouvinte/leitor, enquanto um texto com um elevado grau de informatividade potencia, em geral, a concentração dos recursos de processamento do ouvinte/leitor na sua interpretação” (Mateus 1989:137).

Neste relatório, focar-nos-emos na conetividade sequencial (coesão textual), ou seja, como já foi referido, em processos de sequencialização que asseguram uma ligação entre elementos que ocorrem no texto são instrumentos de coesão” (Mateus 1989:135; Duarte 2003:89).

Esses processos serão agrupados da seguinte forma, apesar de não falarmos da coesão frásica:



**Ilustração 3:** Mecanismos de coesão textual (Duarte 2003:90)

### **3.1 Coesão interfrásica**

A coesão interfrásica, de acordo com Duarte (2003:91), “é assegurada por processos de sequencialização que exprimem vários tipos de interdependência semântica das frases que ocorrem na superfície textual”. A autora mostra que existem

dois processos que asseguram a coesão interfrásica: a parataxe e a hipotaxe ou subordinação.

Na nossa tradução, respeitámos as conexões entre frases que existem no original. Em alguns casos, limitámo-nos a substituir conjunções, a fim de evitar repetições. É o que o exemplo (36) ilustra<sup>8</sup>:

**(36)**

a) **Pero** Prim aprovechó para montar el de su división en la loma conquistada y desde una de sus alturas pudo ver el contingente enemigo, lo que despertó su deseo de atacarlo, **pero** entendió que su objetivo era Tetuán y no el campamento y mantuvo sus posiciones.

(Página 47, l.10)

b) **Mas** Prim aproveitou para estabelecer o acampamento da sua divisão na colina conquistada e, numa das suas elevações pôde ver o contingente inimigo, o que despertou o seu desejo de o atacar. **Contudo**, percebeu que o seu objetivo era *Tetuán* e não o acampamento, pelo que manteve assim as suas posições.

(Página 29, l.26)

Neste caso, usámos dois equivalentes diferentes, mas com o mesmo sentido contrastivo da conjunção *pero*: *mas* e *contudo*.

Vejamos agora (37):

**(37)**

a) **Pero en mayo de 1921 comienzan a llegar rumores de que un gran contingente armado espera a los españoles. Rumores que confirman el coronel Morales y el comandante Villar.** Los contactos que se mantienen con los marroquíes por estos oficiales de la policía indígena y por el coronel Civantos, gobernador de la isla de Alhucemas, no ofrecen resultados positivos para el avance.

(Página 141, l.22)

---

<sup>8</sup> Alguns destes casos também já foram referidos na secção 2.3 deste capítulo.

- b) **No entanto, em maio de 1921, começaram a chegar rumores confirmados pelo coronel Morales e o major Villar de que um grande contingente armado espera os espanhóis.** Os contactos que estes oficiais da polícia indígena e o coronel Civantos, governador da ilha de *Alhucemas* mantêm com os marroquinos não oferecem resultados favoráveis ao avanço.

(Página 102, l.3)

Através deste exemplo, pode-se notar que juntámos os dois primeiros períodos, *Pero en mayo de 1921 comienzan a llegar rumores de que un gran contingente armado espera a los españoles. Rumores que confirman el coronel Morales y el comandante Villar*, num só, *No entanto, em maio de 1921, começaram a chegar rumores confirmados pelo coronel Morales e o major Villar de que um grande contingente armado espera os espanhóis*, visto que o segundo período não é uma frase, o que poderia perturbar a leitura do texto.

### 3.2 Coesão temporal

De acordo com Duarte (2003:109), “Qualquer sequência textual só é coesa e coerente se a sequencialização dos enunciados satisfizer as condições conceptuais sobre localização temporal e ordenação relativa que sabemos serem características das situações no mundo relativamente ao qual deve ser interpretada a referida sequência textual”.

Os tempos verbais são importantes para a localização temporal. Um dos aspetos mais salientes na nossa tradução diz respeito ao uso de verbos no presente. Na generalidade, mantivemos o presente com valor histórico mesmo quando co-ocorre com tempos do passado (pretérito perfeito ou pretérito imperfeito), veja-se a página 12, exemplo 6, deste relatório.

(38)

- a) *Pero en mayo de 1921 comienzan a llegar rumores de que un gran contingente armado espera a los españoles. Rumores que confirman el coronel Morales y el comandante Villar. Los contactos que se **mantienen** con los marroquíes por estos oficiales de la policía*

indígena y por el coronel Civantos, gobernador de la isla de Alhucemas, no **ofrecen** resultados positivos para el avance.

(Página 141; 1.22)

- b) No entanto, em maio de 1921, começaram a chegar rumores confirmados pelo coronel Morales e o major Villar de que um grande contingente armado espera os espanhóis. Os contactos que estes oficiais da polícia indígena e o coronel Civantos, governador da ilha de Alhucemas **mantêm** com os marroquinos não **oferecem** resultados favoráveis ao avanço.

(Página 102, 1.3)

### 3.3 Coesão referencial

Para Duarte (2003:111), “coesão referencial é a propriedade de qualquer texto em que se assinale, através da utilização de formas linguísticas apropriadas, que os indivíduos designados por uma dada expressão são introduzidos pela primeira vez no texto, já foram mencionados no discurso anterior, se situam no espaço físico perceptível pelo locutor/escritor ou pelo alocutário/ouvinte/leitor, existem ou não como objetos únicos na memória destes”.

Num texto, há expressões cuja interpretação depende de outras, que ocorrem no contexto anterior ou subsequente. Essas expressões são correferentes e constituem os diferentes elos de uma cadeia referencial, que existe “quando num texto há um ou mais fragmentos textuais sem referência autónoma, cuja interpretação depende do valor referencial de uma expressão presente no discurso anterior (anáfora) ou subsequente (catáfora)” (*Dicionário Terminológico*). O leitor deve ser capaz de identificar esses elos, a fim de atribuir corretamente os referentes às expressões linguísticas.

Em alguns excertos, procedemos a alterações em função da constituição da cadeia referencial.

Considere-se o exemplo (39).

(39)

- a) Annual era una ratonera donde se hacinaban unos 5.000 hombres más el ganado propio de un contingente como ese. La resistencia en el lugar no hubiera presentado problemas si se hubiera dispuesto de agua, comida,

medicinas y municiones, pero no era así. Para hacer la aguada para tanta gente había que entablar una batalla diaria. Se carecía de aljibes donde almacenarla y las cubas a lomo de acémila eran un blanco fácil. La suerte que antes había sonreído, se volvía adversa. Annual tenía a sus espaldas un largo y tortuoso camino, difícil de recorrer con el enemigo organizado. Solo el desfiladeiro de Izummar, primera dificultad tras el campamento, era una trampa difícil de vencer. Con los moros en las alturas, disparando sin parar las armas modernas que conseguían a través del contrabando tangerino, solo se podía aspirar a tener el menor número de bajas organizando los flancos a media altura y una arriesgada retaguardia para proteger a la columna. Eso exigía el sacrificio de unos pocos y mucha disciplina.

Se había decidido abandonar la **posición** y las otras más avanzadas con destino a Ben Tieb, a unos 15 kilómetros en línea recta, donde se aguardaría a los refuerzos.

(Página 145, l.30)

- b) Annual era uma ratoeira onde se concentravam cerca de 5000 homens, para além do gado próprio de um contingente como esse. A resistência no lugar não teria apresentado problemas se dispusesse de água, comida, medicamentos e munições, mas não era assim. Para se fazer a aguada para tantas pessoas, havia que travar uma batalha diária. Carecia-se de cisternas onde a armazenar e os barris nas traseiras das mulas eram um alvo fácil. A sorte que antes havia sorrído, tornava-se adversa. Annual escondia um longo e tortuoso caminho, difícil de percorrer estando o inimigo organizado. Só o desfiladeiro de Izummar, primeira dificuldade após o acampamento, era uma armadilha difícil de vencer. Com os mouros nas elevações a disparar as armas modernas que conseguiam através do contrabando de Tânger, apenas se podia desejar ter um menor número de baixas organizando os flancos a meia altura e uma arriscada retaguarda para proteger a coluna. Isso exigia o sacrificio de alguns e muita disciplina. Havia-se decidido abandonar **Annual** e as outras posições mais avançadas e rumar a Ben Tieb, a cerca de 15 quilómetros em linha reta, onde se aguardaria por reforços.

(Página 105, l.16)

Neste caso, optámos pela substituição do nome comum *posición* pelo nome próprio da posição *Annual* uma vez que a identificação do referente de *posición* só era possível se se considerasse o parágrafo anterior, o que pode ter consequências sobre a interpretação, já que o leitor pode não conseguir construir a cadeia referencial *Annual-posición*.

Em (40), introduzimos um pronome demonstrativo na posição de sujeito (nulo, no original), construindo uma cadeia referencial em que a expressão nominal plena *los marroquíes* é retomada pelo referido pronome:

**(40)**

a) En Melilla apenas quedaban mil soldados españoles, insuficientes para contener a los moros. El miedo se palpaba en el ambiente porque estaban a tiro de fusil de los marroquíes que ocupaban el Gurugú. Si hubieran disparado con la artillería capturada, Melilla hubiera sido devastada.

(Página 160, l.1)

b) Em Melilla, restavam quase mil soldados espanhóis, insuficientes para conter os mouros. O medo sentia-se no ar porque estavam na mira das espinguardas dos marroquinos que ocupavam o Gurugú. Se **estes** tivessem disparado com a artilharia capturada, Melilla teria sido devastada.

(Página 115, l.29)

A tradução apresentada tem como objetivo evitar ambiguidades, visto que, no texto original, o sujeito é nulo, existindo dois referentes potenciais: os soldados espanhóis ou os marroquinos. Face a esta ambiguidade, decidimos utilizar o pronome demonstrativo *estes*, que é correferente da expressão nominal mais próxima, *os marroquinos*.

O exemplo (41) ilustra também um caso em que optámos por um sujeito lexical, ao invés de um sujeito nulo, como no original:

**(41)**

a) Pero **Raisuni** siguió con su política de abusos y de humillación a los representantes de España, lo que provocó su ruptura con Jordana. Porque

pensaba que su colaboración con España le quitaba poder y prestigio entre las cabilas, con el riesgo de que surgiera un nuevo líder que lo sustituyera. Y, como señala Tessainer, porque sabía que el territorio pacificado se integraría normalmente en el protectorado español como estaba pactado y a él no le quedaría nada. Quiso excluir del protectorado los montes de Yebala, para que siguieran bajo su autoridad, pero los españoles no estaban dispuestos a ceder territorio a un líder local.

Había otros motivos, como el **contacto que mantenía** con alemanes, que preocupaba a franceses y británicos, que hacía pensar que el cherif trataba de ganarse el favor alemán ante una hipotética derrota aliada en la guerra.

(Página 127, l.8)

- b) No entanto, **Raisuni** continuou com a sua política de abusos e humilhação aos representantes de Espanha, o que provocou a sua rutura com Jordana, porque pensava que a sua colaboração com a Espanha lhe retirava poder e prestígio entre as cabilas, com o risco de surgir um novo líder que o substituísse. E também, como assinala Tessainer, porque sabia que o território pacificado se integraria normalmente no protetorado espanhol, como estava pactuado, e não lhe restaria nada. Quis excluir do protetorado os montes de Yebala, de forma a continuarem sob a sua autoridade, mas os espanhóis não estavam dispostos a ceder território a um líder local.

O contacto que **Raisuni** mantinha com os alemães era outro dos motivos que preocupava os franceses e os britânicos, pois fazia pensar que o xerife tentava obter os favores dos alemães perante uma hipotética derrota aliada na guerra.

(Página 91, l.26)

Na frase relativa *que mantenía con alemanes*, o sujeito é nulo. Esse sujeito nulo é membro de uma cadeia referencial cujo primeiro elo é *Raisuni*, que ocorre no parágrafo anterior. Dada a distância a que se encontra o antecedente, optámos por inserir um sujeito lexical.

O mesmo acontece em (42):

(42)

a) **Silvestre**, por su parte, había tomado entre abril y septiembre de 1919 Dar Drius, Tafersit, Azrú, Midar y Buhafora. Tenía sometidas, en diciembre de 1920, a cabilas tradicionalmente enemigas, como Tafersit, Beni Tuzin y Beni Ulichek. Y seguía avanzando hacia el centro del Rif, hacia la bahía de Alhucemas, cuya posesión aseguraría la paz. Desde siempre sabían los españoles que sin el control de la bahía de Alhucemas no se podía dominar la zona. Los proyectos para conquistarla nunca se llevaron a efecto hasta ese año, a pesar de su gran valor estratégico y político. **Había** aprovechado un pasillo menos montañoso existente a medio camino del mar y la frontera sur del protectorado, dejando la costa al margen.

(Página 137, l.18)

b) **Silvestre**, por sua vez, havia conquistado, em abril e setembro de 1919, Dar Drius, Tafersit, Azrú, Midar e Buhafora. Em dezembro de 1920, tinha submetidas as cabilas tradicionalmente inimigas, como Tafersit, Beni Tuzin e Beni Ulichek. Continuava a avançar para o centro do Rife, para a baía de Alhucemas, cuja possessão asseguraria aos espanhóis o controlo das tribos mais belicosas e garantiria a paz. Desde sempre, os espanhóis sabiam que sem o controlo da baía de Alhucemas não se podia dominar a zona. Os projetos para a conquistar nunca foram executados até esse ano, apesar do seu grande valor estratégico e político. **Silvestre** havia aproveitado um corredor menos montanhoso existente a meio caminho do mar e da fronteira sul do protetorado, deixando a costa de fora.

(Página 98, l.28)

Em alguns casos, mantivemos a estratégia usada pelo autor para construir a cadeia referencial, com pequenas alterações lexicais. É o que se verifica em (46), em que usámos o determinante demonstrativo *aquele* em vez de *este*, dada a distância a que se encontra o primeiro elo da cadeia referencial.

(43)

- a) El imperio llegó a su apogeo con **el sultán Muley Ismail**, que ascendió al trono en 1672 con la violencia habitual en la sucesión en Marruecos. El sultanato no era hereditario y las rivalidades de los pretendientes llevaban con frecuencia a las intrigas, asesinatos e, incluso, la guerra intestina. **Este** sultán no despreció el trato con los piratas, ya que obtenía pingües beneficios de los botines y del rescate de cautivos, pero organizó su imperio de una manera más moderna y eficaz, comenzando con la estructura militar, dotándose de unos cuerpos de obediencia directa y eliminando, en parte, a los señores feudales.

(Página 23, l.21)

- b) O império chegou ao seu auge com **o sultão Muley Ismail**, que subiu ao trono em 1672, com a violência habitual na sucessão em Marrocos. O sultanato não era hereditário e as rivalidades entre os pretendentes conduziam com frequência a intrigas, assassinatos e, ainda, à guerra civil. **Aquele** sultão não desprezou a relação com os piratas, já que obtinha abundantes benefícios dos espólios e do resgate dos cativos; contudo, organizou o seu império de uma maneira mais moderna e eficaz, começando pela estrutura militar, dotando-se de alguns corpos de obediência direta e eliminando, em parte, os senhores feudais.

(Página 12, l.15)

Finalmente, (44) ilustra uma outra estratégia que usámos na tradução para construir a cadeia referencial: a substituição de um clítico pela expressão nominal plena correspondente.

(44)

- a) A principios de octubre acude a Melilla el ministro de la Guerra general Luque, que parece mostrarse satisfecho por haber llegado al **río Kert** y mantener la orilla norte. Pero las aspiraciones van más allá. Se decide una operación de castigo contra las cabilas enemigas **atravesándolo** de nuevo.

(Página 120, l.30)

- b) No início de outubro, apresenta-se em Melilla o ministro da Guerra, general Luque, que parece mostrar-se satisfeito por ter chegado ao **rio Kert** e manter a margem norte. No entanto, as aspirações não se ficavam por aí. Decide-se uma operação de punição contra as cabilas inimigas, atravessando-se **o rio** de novo.

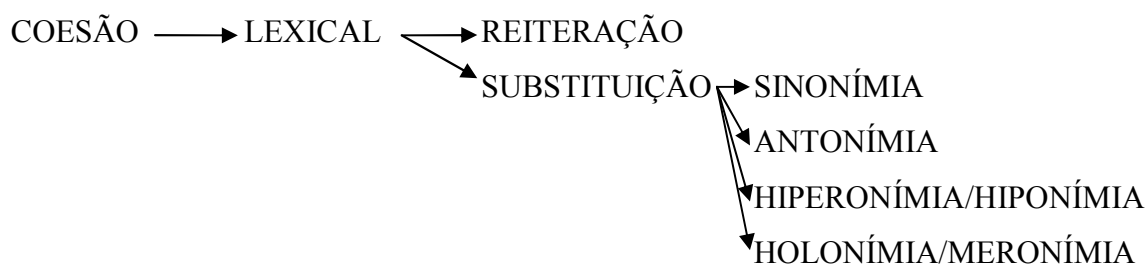
(Página 86, l.32)

Em (44) substituímos o pronome *lo*, em *atravesándolo*, usando o sintagma nominal *o rio*, visto que o antecedente, *rio Kert*, se encontra distante, dois períodos acima.

### 3.4 Coesão lexical

A coesão lexical é um processo que “opera por contiguidade semântica, i.e., as expressões linguísticas que entram numa relação de coesão lexical caracterizam-se pela co-presença de traços semânticos (total ou parcialmente) idênticos ou opostos” (Duarte 2003:114).

Segundo Duarte (2003), ilustram a coesão lexical processos como a reiteração e a substituição (por sinónimia, antonímia, hiperonímia e hiponímia). Tais processos encontram-se esquematizados abaixo:



**Ilustração n°2:** Processos de coesão lexical (Duarte 2003:114)

### 3.4.1 Reiteração

Na nossa tradução usámos, embora poucas vezes, a estratégia de reiteração, que consiste na repetição de uma expressão linguística. No exemplo (45) abaixo ilustramos essa estratégia:

(45)

a) Se trataba de Miguel de Cervantes, soldado en busca de fortuna en Italia, herido en Lepanto y apresado en la galera *Sol* cuando regresaba de Nápoles con apenas treinta años y acompañado de su hermano. Llevaba el soldado Cervantes cartas de don Juan de Austria y del duque de Sesa para el rey, recomendándolo para el mando de una compañía. Esto hizo pensar a su dueño en Argel **que se trataba de** una persona de importancia y puso por él un precio inalcanzable para la familia.

(Página 9, l.17)

b) Tratava-se de Miguel de Cervantes, mercenário, em Itália, ferido, em Lepanto, e capturado na galé *Sol*, quando regressava de Nápoles, com quase trinta anos e acompanhado pelo seu irmão. O soldado Cervantes levava consigo cartas de D. João de Áustria e do duque de Sesa para o rei, recomendando-o para o comando de uma companhia. Isto fez com que o seu dono em Argel pensasse que **Cervantes** era uma pessoa de importância, tendo pedido por ele um preço inacessível para a família.

(Página 1, l.13)

Como podemos observar, neste exemplo, repetimos o nome próprio *Cervantes*, tendo mesmo alterado a frase com o verbo impessoal *tratarse de*, usando o verbo copulativo *ser* e o sujeito lexical, *Cervantes*.

### 3.4.2 Substituição

Uma outra estratégia de substituição é a sinonímia, ou seja, a “seleção de expressões linguísticas que partilham a generalidade dos traços semânticos” (Duarte 2003:115).

Consideremos o exemplo (46):

(46)

a) Era Bu Hamara, según había pactado con los españoles, el encargado de castigar estos ataques, pero su poder se estaba diluyendo y **optó** por abandonar la región retirándose al interior del país, siendo derrotado y apresado por fuerzas del sultán que lo llevaron prisionero en un carro jaula a Fez en agosto de 1909.

(Página 98, l.10)

b) De acordo com o que se havia pactuado com os espanhóis, Bu Hamara era o encarregado de punir estes ataques, mas o seu poder estava a diluir-se. O **rebelde** optou por abandonar a região, retirando-se para o interior do país, sendo derrotado e preso pelas forças do sultão que o levaram como prisionero para *Fez* numa carroça jaula, em agosto de 1909.

(Página 69, l.8)

Neste caso, eliminámos a coordenação e optámos por transformar o segundo membro da mesma num novo período, para facilitar a interpretação do sujeito nulo de opto. Esta alteração levou-nos a introduzir um sujeito lexical, para evitarmos a repetição do nome *Bu Hamara*, utilizámos o sintagma nominal *o rebelde*, que consideramos um sinónimo do primeiro, neste contexto.

#### 4. OUTRAS QUESTÕES

Nesta secção do relatório, iremos abordar outras questões que considerámos que não se inseriam nas secções anteriores, ocupando, por esta razão um espaço próprio.

##### 4.1 Tradução de um poema

Apesar de se apresentar maioritariamente em prosa, a tradução para o relatório de projeto que realizámos continha um poema que decidimos traduzir, pensando que seria uma tarefa acessível tendo em conta a proximidade entre a língua de partida e a língua de chegada. Bastou pouco tempo de várias tentativas de tradução desse poema

para mudarmos de opinião e chegarmos à conclusão de que a tradução de poesia, mesmo de línguas com grande proximidade, não é uma tarefa fácil para o tradutor.

A tradução de poesia é um caso particular na tradução literária, devido às suas características específicas porque “para traduzir um texto em prosa, é preciso, essencialmente, que o sentido do Texto de Partida se mantenha no Texto de Chegada, mas na poesia é necessário muito mais. É preciso manter a métrica, as rimas, as sonoridades, os jogos de palavras e significados” (Ferreira 2010:100). Além disso, o tradutor tem que se preocupar também com “os efeitos visuais deliberadamente plasmados na própria página e sugerir formas de transposição que tentem reproduzi-los, de modo a obter um efeito de equivalência” (Ferreira 2010:100).

O poema surge no contexto de apresentação dos exploradores espanhóis de África, entre os quais se encontra Joaquín Gatell y Folch, autor do poema e explorador espanhol que conseguiu ir da Argélia ao Senegal, cumprindo assim o seu sonho de viajante. São as suas aventuras que se encontram, de certa forma, registadas no poema que se reproduz em (47a), na versão original e na tradução a que procedemos (cf47b).

(47)

a) *Arrastrábame el anhelo  
de azarosas aventuras,  
y emprendí atrevido vuelo  
en busca de extraño suelo  
y de extrañas criaturas.*

*Y dejé los pátrios lares  
y mil objetos queridos  
para atravesar los mares  
y lanzarme a los azares  
de mundos desconocidos.*

(Página 64, l.1)

b) Arrastava-me o anelo  
de misteriosas aventuras,  
e empreendi atrevido voo  
em busca de um estranho solo  
e de estranhas criaturas.

E deixei os pátrios lares  
e mil objetos queridos  
para atravessar os mares  
e lançar-me aos acasos  
de mundos desconhecidos.  
(Página 42, l.22)

Na primeira estrofe, no segundo verso, deparámo-nos com o primeiro problema; a palavra espanhola *azarosas* não tem, neste contexto, o mesmo significado que o dicionário da Real Academia Espanhola nos indica: *Que tiene en sí azar o desgracia; Turbado, temeroso*, mas sim o sentimento próprio de um explorador, a ideia de ir para o desconhecido, descobrir algo novo e misterioso. Assim, resolvemos traduzir o falso amigo *azarosas* por “misteriosas”.

No terceiro verso, optámos por traduzir literalmente a palavra *vuelo* para *voe*, não conseguindo manter o mesmo esquema rimático e a sonoridade do texto original na tradução.

Na segunda estrofe, no nono verso, encontramos um outro falso amigo, a palavra *azares*, que traduzimos como acasos, como já referimos na secção 1.1.5.

Depois de analisado o poema, concluímos que conseguimos manter o jogo de sonoridades excepto no terceiro e no nono versos e seguir fielmente o texto original, fazendo o mínimo de alterações.

#### **4.2 Notas de rodapé, notas finais e notas do tradutor**

Na tradução deste projeto, encontramos três tipos de notas: as notas de rodapé, as notas finais e as notas do tradutor.

As notas de rodapé são definidas como “indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor, tradutor ou editor, podendo também aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica” (Mendes, Cruz e Curty 2002, apud Gonçalves 2003:76). Muitas vezes, para não deixar o texto muito pesado o autor de um texto sente necessidade de fazer referência a outros autores através de citações utilizando as notas de rodapé (Gonçalves 2003:76).

Para não confundir o leitor, as notas de rodapé estão apresentadas de maneira diferente do corpo principal do texto através da separação do texto por uma linha divisória, pelo uso de um asterisco ou número e pela utilização de um tamanho de letra menor, como refere Ferreira (2006:65).

Segundo Gonçalves (2003:78), existem dois tipos de notas de rodapé: as notas explicativas de conteúdo e as notas de referência. As primeiras permitem apresentar comentários, esclarecimentos ou explicações, enquanto as segundas integram as fontes consultadas e mencionadas no texto.

Como já referimos anteriormente, no projeto a que este relatório se reporta, traduzimos as notas de rodapé do autor, que consistiam em notas explicativas de conteúdo, indicadas pelo asterisco (\*) quer no texto original quer na tradução, como ilustramos em (48):

(48)

a) \* Sir John Drummond Hay había nacido en 1816 y a los veinticuatro años ya era agregado en la embajada británica en Constantinopla. Cuatro años después fue enviado a Tánger como agente consular para mantener un contacto fluido con el sultán en una etapa de crisis franco-británica. Allí estuvo más de cuarenta años, siendo imprescindible en toda actuación diplomática en el imperio. Intervino de mediador en conflictos de Marruecos con Dinamarca, Suecia o el ya visto con España. En 1856, como ministro residente, negoció y firmó el tratado de comercio entre Gran Bretaña y Marruecos. Siguió siempre su carrera diplomática en Marruecos, llegando a plenipotenciario y a enviado extraordinario. Se jubiló en 1886, pero continuó residiendo parte del año en Tánger. Murió en Escocia en 1893. Tuvo una gran influencia en todos los asuntos marroquíes y sus libros eran lectura obligada, e información copiada, por los que querían saber algo sobre la realidad marroquí. Destaca *Morroco and the Moors. Western Barbary: Its Wild Tribes and Savage Animals* (1869), o las memorias publicadas en 1896.

(Página 34, l.28)

b) \* Sir John Drummond Hay havia nascido em 1816 e, aos vinte e quatro anos, já era funcionário na embaixada britânica, em Constantinopla. Quatro anos depois, foi enviado para Tánger como agente consular para manter um contacto fluido com o sultão numa etapa de crise franco-britânica. Ali permaneceu mais de quarenta anos, sendo imprescindível em toda a atuação diplomática no império.

Interveio como mediador em conflitos de Marrocos com a Dinamarca, com a Suécia ou com a Espanha, como já foi visto. Em 1856, como ministro residente, negociou e assinou o tratado de comércio entre a Grã-Bretanha e Marrocos. Continuou sempre com a carreira diplomática em Marrocos, chegando a plenipotenciário e a enviado extraordinário. Reformou-se em 1886, mas continuou a residir parte do ano em Tânger. Morreu na Escócia, em 1893. Teve uma grande influência em todos os assuntos marroquinos e os seus livros eram de leitura obrigatória e de informação copiada pelos que queriam saber algo sobre a realidade marroquina. Destaca-se *Morroco and the Moors. Western Barbary: Its Wild Tribes and Savage Animals* (1869) ou as memórias publicadas em 1896.

(Página 20, l.28)

Relativamente às notas de referência, o autor do livro apresenta-as como notas finais. De acordo com Ferreira (2006:67), “As notas de final de livro estão dispostas ao final do livro, agrupadas mesmo quando relacionadas a diferentes capítulos ou versos, ligadas a um trecho ou verso específico por meio de recurso gráfico (i.e. asterisco, número, etc.)”.

No texto original que traduzimos, as notas finais são divididas por capítulos. Assim, em cada novo capítulo, a numeração das notas finais começa do início, facto que mantivemos na tradução (ver anexo II, p.125).

Por último, tivemos, ainda, de inserir notas do tradutor que apresentámos em numeração romana para se distinguirem das notas finais. De acordo com Mittmann (2003 apud Ferreira 2006:39), as notas de tradutor podem ser analisadas de três perspetivas diferentes: em primeiro lugar, como um meio para esclarecer problemas de tradução que o tradutor não conseguiu resolver no texto; segundo, como um lugar privilegiado para se analisar o papel do tradutor; finalmente, como um canal de exposição da produção tradutológica, ou seja, a apresentação de todo o trabalho de um tradutor.

Neste sentido, Mittmann (2003, apud Terra 2003:3) considera que as notas de tradutor constituem um “discurso de extensão”, que se baseia no texto traduzido, mas que não se restringe ao mesmo, sendo produzido durante o próprio processo tradutório.

Na nossa tradução, incluímos as notas de tradutor do tipo explicativo quando pensámos que o público poderia não entender a informação que o autor pretendia transmitir. As nossas notas não devem ser entendidas como forma de afirmação do

tradutor, mas como explicitação da informação dada pelo autor que pode não ser familiar para os leitores. Veja-se os seguintes exemplos:

(49)

- a) *Majzen*- Antigamente, governo ou autoridade suprema em Marrocos [NT].
- b) *Fondak*, em espanhol *fondac*: em Marrocos, hospedaria onde se negociam as mercadorias levadas pelos traficantes [NT];

### 4.3 Leitura genérica de sintagmas nominais definidos

Neste ponto, falaremos da leitura genérica de sintagmas nominais que constituem expressões definidas.

De acordo com o Dicionário Terminológico, “Uma expressão definida tem valor genérico se, por ocorrer num enunciado genérico, refere não uma entidade ou uma situação, mas uma classe de entidades ou de situações. Quando tem valor genérico a expressão definida é, em português, exclusivamente determinada pelo artigo definido, singular ou plural”.

Tal facto é ilustrado em (50):

(50)

- a) Los critianos de Orán empleaban las mismas armas que sus enemigos turcos y árabes, y capturaban en tierra bienes que aumentaban la fortuna del **soldado expatriado**.  
(Página 21, l.4)
- b) Os cristãos de Orão usavam as mesmas armas que os seus inimigos turcos e árabes e capturavam em terra bens que aumentavam a fortuna dos **soldados expatriados**.  
(Página 10, l.17)

Em (50), no texto original, o sintagma nominal *soldado expatriado* apresenta um valor genérico, designa todos os soldados expatriados, ou seja, uma classe de identidades, para mantermos esse valor na tradução decidimos mudar o sintagma nominal para o plural “soldados expatriados”, visto que em português esse sintagma, no singular, não teria valor genérico, devido ao seu contexto.

O mesmo acontece no seguinte exemplo:

(51)

- a) \* El paqueo era el fuego de fusil o espingarda **del moro**.  
(Página 21, l.4)
- b) \* Os tiros vinham do fogo de fuzil ou espingarda **dos mouros**.  
(Página 82, l.28)

Neste caso, no texto original, o nome *moro* apresenta também um valor genérico, denomina todos os mouros, para conseguirmos manter esse valor na tradução decidimos mudar o nome para o plural “mouros”, porque em português, tendo em conta que no contexto em que a palavra se insere, o nome *moro* poderia definir um mouro em particular.

## **Conclusão**

O presente relatório teve por objetivo a análise da tradução efetuada ao longo do trabalho de projeto. Procurámos ilustrar alguns dos problemas que nos foram surgindo na nossa tradução e apresentar as estratégias utilizadas para a sua resolução. Tendo em conta que a nossa tradução compreende 127 páginas, contém um elevado número de exemplos relevantes para a análise, mas as restrições de espaço para a elaboração deste relatório fizeram com que seleccionássemos apenas alguns, dando mais atenção a aspetos lexicais, sintáticos e de organização textual.

Procurámos comparar as características relevantes das línguas de trabalho, português e espanhol, tendo a noção de que o processo de tradução não se limita à transposição de uma língua de partida para uma língua de chegada, mas é, antes, um processo que, muitas vezes, requer criatividade e pode envolver mais do que a transposição de uma língua para outra. Note-se que, em alguns casos, alterámos estruturas sintáticas do original que têm equivalentes diretos em português (caso de algumas alterações de ordem de palavras), por questões que se prendem com a compreensão da leitura.

Temos a consciência de que os tradutores não são máquinas capazes de encontrar sempre a melhor solução. Se é um facto que uma determinada estratégia pode ser seleccionada conscientemente, também é verdade que o tradutor se rege muitas vezes pela sua intuição, até um ponto em que as estratégias que utiliza se tornam quase automáticas.

No capítulo I, explicamos os tipos de texto explicativo, descritivo e narrativo; os aspetos relacionados com a tradução sobre História.

No capítulo 2, referimos os aspetos lexicais, os aspetos sintáticos e os aspetos de coesão textual.

Em relação aos aspetos lexicais, na secção de léxico não especializado, abordamos a sinonímia interlinguística, os falsos amigos e os empréstimos; já na secção de léxico especializado, referimos o protótipo de glossário, destacando ainda a questão das denominações e topónimos. Do ponto de vista lexical, é importante salientar a ocorrência dos termos das áreas militar e administrativa, que levaram à elaboração de um glossário (anexo I).

A nível dos aspetos sintático, as diferentes propriedades de subcategorização dos verbos e a ordem de palavras, na nossa opinião, adquirem maior importância.

Nos aspetos de coesão textual, focamos na coesão referencial, sendo relevante referir os cuidados que tivemos na construção das cadeias referenciais.

Considerámos ainda, num quarto ponto, a tradução de um poema, as notas de rodapé, finais e do tradutor.

## **Bibliografia**

ADAM, Jean Michel (2005). *Les textes: types et prototypes: récit, description, argumentation, explication et dialogue*. 2ª edição. Paris: Armand Colin

ALVES, Manuel dos Santos (1938). *O texto literário*. 2ª edição. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.

BASSOLS, Margarida & TORRENT, Anna Maria (2003). *Modelos Textuales, Teoria y Práctica*. 2ª edição. Barcelona: Eumo-Octaedro.

CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques (2008). *Termino criatividade, Sinomímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*. Lisboa: Colibri.

COUTINHO, Maria Antónia (2008). Nas fronteiras da explicação.

[http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/explica\\_ac.pdf](http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/explica_ac.pdf),

consultado em 10 de julho de 2013.

CORREIA, Margarita (2005). Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. In *Terminómetro*, número especial, pp.15-20.

Versão disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mcorreia-terminometro1.pdf>,

consultado em 8 de junho de 2013.

CORREIA, M. & SAN PAYO DE LEMOS, Lúcia (2005). *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri

CRUZ, Luís (2012). *A Tradução de Sistemas de Segurança*. Relatório de Estágio. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DUARTE, Inês (2003). Aspectos linguísticos da organização textual. In Mateus, Maria Helena Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina e Villalva, (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

FAWCETT, Peter (2003). *Translation and Language: Linguistic Theories Explained*. Manchester: Saint Jerome.

FERREIRA, Rui (2010). A tradução literária numa perspectiva metodológica: problemas de tradução em “Le Livre des fuites”, de J.M.G. Le Clézio, Projeto de Mestrado. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra.

[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15290/1/Disserta%20a7%20a3o%20mestrado\\_prjecto\\_Rui%20Ferreira.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15290/1/Disserta%20a7%20a3o%20mestrado_prjecto_Rui%20Ferreira.pdf), consultado em 8 de junho de 2013.

FERREIRA, Rodrigo (2006). Análise das notas de tradução em edições brasileiras da Bhagavad-gýtš. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

[http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Rodrigo\\_Gomes\\_Ferreira\\_-\\_Dissertacao.pdf](http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Rodrigo_Gomes_Ferreira_-_Dissertacao.pdf), consultado em 10 de junho de 2013.

GONÇALVES, Hortência de Abreu (2003). Normas para Referências, Citações e Notas de Rodapé. Aracaju: UNIT.

<http://www.unit.br/downloads/manuais/citacoes-e-referencias1.pdf>, consultado em 15 de julho de 2013.

GONZÁLEZ, Antonio Manuel Carrasco (2012). *El Reino Olvidado, cinco siglos de historia de España en África*. Madrid: La Esfera de los Libros.

HERNÁNDEZ, Lía de Luxán (2012). La traducción histórica en el contexto del Asiento de Negros, *TRAlinea*, Vol. 14.

<http://www.intralinea.org/print/article/1891>, consultado em 16 de junho de 2013.

JODAR, Daiane Karla Correia & SILVA, Manoel M. A. (2012) Terminocriatividade Interlinguística entre português brasileiro e o espanhol europeu na energia eólica. *Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR.

[http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul\\_artigo%20\(50\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(50).pdf),

consultado em 12 de junho de 2013.

LEGROSKI, Marina (2012). Reflexões acerca de Expressões Idiomáticas. RevLet-Revista Virtual de Letras, v.04, nº 01, jan./jul, 2012.

<http://www.revlet.com.br/artigos/134.pdf>, consultado em 17 de junho de 2013.

LLORCA, Carmen Marimón (2006a) *Tema 6. El texto descriptivo*.

<http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/16/TEMA%206.EL%20TEXTO%20DESCRIPTIVO.pdf>, consultado em 18 de junho de 2013.

\_\_\_\_\_ (2006b) *Tema 7. El texto narrativo*.

<http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/18/TEMA%207.EL%20TEXTO%20NARRATIVO.pdf>, consultado em 18 de junho de 2013.

\_\_\_\_\_ (2006c) *Tema 8. La explicación*

<http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4023/20/TEMA%208.LA%20EXPLICACION%93N.pdf>, consultado em 18 de junho de 2013.

LÓPEZ, Rosario García, (2000). Cuestiones de traducción (Hacia una teoría particular de la traducción de textos literários). Granada: Comares

MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e FARIA, Isabel Hub. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub, FROTA, Sónia, MATOS, Gabriela, OLIVEIRA, Fátima, VIGÁRIO, Marina e VILLALVA, Alina (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

MATOS, Gabriela (2003). In Mateus, Maria Helena Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, Frota, Sónia, Matos, Gabriela, Oliveira, Fátima, Vigário, Marina e Villalva, (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

MIRANDA, Félix Bugeño (2008). Os dicionários de falsos amigos, *Anais do CELSUL*, Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

[http://www.celsul.org.br/Encontros/08/Felix\\_Miranda.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/08/Felix_Miranda.pdf), consultado em 19 de julho de 2013.

MOLINA, Daniele (2010). *Empréstimos linguísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa*. GATILHO, v.11.

<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/Molina.pdf>, consultado em 23 de junho de 2013.

NEWMARK, Peter (1988). *A Textbook of Translation*. London. Longman. [2003].

NIDA, Eugene (1964). Principles of Correspondence, In VENUTI, Lawrence (org.) *The Translation Studies Reader*. London, Routledge [2000].

OLIVEIRA, Fátima (2003). Modalidade e modo. In MATEUS *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho pp. 245-247.

RAPOSO, Eduardo (1992). *Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem*. Lisboa. Ed. Caminho.

RIO-TORTO, Graça (2006). O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In ATHAYDE, Maria Francisca (org.). *Estudos sobre o léxico e gramática*. Coimbra: CIEG/FLUL, pp.11-34.

Versão disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13412/1/O%20L%20c3%a9xico%20-%20sem%20c3%a2ntica%20e%20gram%20c3%a1tica%20das%20unidades%20lexicais.pdf>,

consultado em 1 de julho de 2013.

SÁ, Pedro (2012). *Relatório de Estágio: Contributo para uma reflexão sobre opções linguísticas em tradução*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SABINO, Marilei Amadeu (2010). Expressões idiomáticas, provérbios e expressões idiomáticas proverbiais: iguais, semelhantes ou diferentes? In BARROS, Lídia Almeida e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *O léxico em foco: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 331-347.

Disponível em: <http://books.scielo.org/id/946ch/pdf/barros-9788579831256-22.pdf>, consultado em 9 de julho de 2013.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (2003). *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Apresentação, notas e posfácio José Miranda Justo. Porto: Porto Editora. Edição bilingue.

SILVA, J. Quintiliano (1995). *As tipologias textuais e a produção de texto na escola*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.  
<http://www.ich.pucminas.br/posletras/21.pdf>, consultado em 2 de julho de 2013.

SOUZA, José Pinheiro (1998). Teorias da tradução: uma visão integrada. *Revista de Letras*, nº 20, v. ½, pp. 51-67.  
<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>, consultado em 3 de julho de 2013.

TERRA, Márcia Regina (2003). O que se diz e o que (ainda) se tem a dizer sobre a tradução?  
<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/o00002.htm>, consultado em 7 de julho de 2013.

WERLICH (1976). *Typologie der Texte*. Heidelber: Quelle & Meyer.

### **Dicionários e Glossários:**

Dicionário WordReference

<http://www.wordreference.com/>

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

<http://www.priberam.pt/dlpo/>

<http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica.aspx?DID=1116>

Dicionário Terminológico

<http://dt.dgidec.min-edu.pt/index.php?id=n273>

Dicionário de Termos Militares

<http://www.militarcristao.com.br/dtm.php>

Dicionário da Real Academia Espanhola (RAE)

<http://www.rae.es/rae.html>

Glossário de Termos e Expressões para o uso no Exército

[http://www.esao.ensino.eb.br/paginas/cursos/cav/downloads/C\\_20\\_1.pdf](http://www.esao.ensino.eb.br/paginas/cursos/cav/downloads/C_20_1.pdf)

Glossário das Forças Armadas

[http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario\\_fa.pdf](http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf)

FLIP- Gramática do dicionário Priberam

<http://www.flip.pt/FLiP-On-line/Gramatica/Morfologia-Partes-do-discurso/Preposicao.aspx>

PROTÓTIPO DE GLOSSÁRIO DE TERMOS  
NA TRADUÇÃO DE *EL REINO OLVIDADO*  
*CINCO SIGLOS DE HISTORIA DE ESPAÑA*  
*EN ÁFRICA*

## A

Original	Tradução	Definição
Acuerdo	Acordo	Parte mais importante, delicada e decisiva da manobra de crise, uma vez que significa a solução pacífica para o conflito. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Alcazaba	Alcáçova	Castelo ou fortaleza antiga. <a href="http://www.dicio.com.br/alcacova/">http://www.dicio.com.br/alcacova/</a>
Alférez	Alferes	O menos graduado dos oficiais subalternos. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/alferes">http://www.priberam.pt/dlpo/alferes</a>
Almirante	Almirante	Posto honorífico equivalente a marechal (Exército). <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=A">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=A</a>
Almotacenes	Almotacés	Antigo inspetor dos pesos e medidas, que fixava o preço dos géneros. <a href="http://www.dicionarioinformal.com.br/almotac%C3%A9/">http://www.dicionarioinformal.com.br/almotac%C3%A9/</a>
Alto comisario	Alto-comissário	Enviado ou delegado de um governo ou de uma instituição, com poderes latos. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/alto-comiss%C3%A1rio">http://www.priberam.pt/dlpo/alto-comiss%C3%A1rio</a>
Artillería	Artilharia	Ramo das forças armadas cujo integrantes se especializam em prover apoio de fogo à força, destruindo os alvos que a ameaçam. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=A">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=A</a>
Asalto	Assalto	Fase final de um ataque, compreendendo o choque com o inimigo em suas posições. Ataque curto, violento, mas bem ordenado, contra um objetivo local. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-</a>

		<a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=B">douttrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1.</a>
--	--	--

## B

Original	Tradução	Definição
Bayoneta	Baioneta	Espécie de sabre, pontiagudo, que se adapta ao cano do fuzil. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=B">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=B</a>
Bajás	Paxás	Governador de província, no Império Otomano. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/paxá">http://www.priberam.pt/dlpo/paxá</a>
Bajalato	Paxalato	Função de um paxá; território governado por um paxá. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/paxalato">http://www.priberam.pt/dlpo/paxalato</a>
Bandas irregulares	<i>Bandas</i>	Grupo de gente armada. <a href="http://lema.rae.es/drae/?val=banda">http://lema.rae.es/drae/?val=banda</a>
Banderas	<i>Banderas</i>	Cada uma das companhias dos antigos Terços espanhóis. <a href="http://lema.rae.es/drae/?val=banda">http://lema.rae.es/drae/?val=banda</a>
Barrera	Barreira	Série contínua de obstáculos, coordenada com a manobra tática, destinada a canalizar, retardar ou impedir o movimento do inimigo numa determinada direção. Se marítima, pode ter profundidade variável conforme a necessidade. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-douttrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-douttrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1.</a>
Batalla	Batalha	Série de combates relacionados e próximos, no tempo e no espaço, realizados no nível tático. As batalhas compreendem uma ou mais operações táticas e materializam-se por meio de operações e ações táticas. Consiste no choque violento de forças

		de valor considerável, no qual ambos os contendores visam modificar a sua situação estratégica, conquistando posições no terreno ou destruindo parte do poder de combate do inimigo. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a> .
Batallón	Batalhão	Conjunto de três companhias. É comandado por um Major, no Exército e nas Forças Armadas. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=B">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=B</a>
Batería	Bateria	Menor agrupamento orgânico de tropas pertencentes à arma de Artilharia, que tem organização fixa e está sob um comando único. É composta por secções e posiciona-se no nível da subunidade. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Blocaos	Fortificações	Obra de defesa militar, baluarte; fortaleza; forte. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/fortificação">http://www.priberam.pt/dlpo/fortificação</a>
Bombas con iperita	Bombas de gás mostarda	Conhecido como <b>iperita</b> , provoca graves lesões nas vias respiratórias, neurológicas e gastrointestinais, irritação dos olhos, cegueira temporária, vômitos constantes, ruptura de vasos sanguíneos além de bolhas bastante dolorosas que se espalham por todo o corpo. <a href="http://www.infoescola.com/compostos-quimicos/gas-mostarda/">http://www.infoescola.com/compostos-quimicos/gas-mostarda/</a>
Botín	Espólios	Conjunto de bens materiais, pertencentes a um militar morto, e encontrados com o mesmo ou numa organização militar. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-</a>

		<a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">2/geral?download=64:c-20-1</a> .
Brigada	Brigada	Grande unidade básica de combinação de armas, integrada num conjunto equilibrado por unidade de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de atuar independentemente; unidade aérea isolada, integrada, que reúne, sob um mesmo comando, meios aéreos de idêntica missão, de valor de dois ou três grupos aéreos, meios de apoio de suprimento e manutenção e meios de apoio auxiliar e administrativo, todos de nível grupo, para fins de adestramento e/ou emprego em operações independentes, conjuntas e/ou combinadas.  <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Brigadero	Brigadeiro	Oficial que comanda uma brigada. Posto entre coronel e general, no exército português.  <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/brigadeiro">http://www.priberam.pt/dlpo/brigadeiro</a>

## C

Original	Tradução	Definição
Cabezas de puente	Cabeças de ponte	Área ou posição na margem inimiga de um curso de água obstáculo (ou desfiladeiro), que uma força conquista na ofensiva ou mantém na defensiva, a fim de assegurar as melhores condições para o prosseguimento de suas operações ou para as operações de outras forças.  <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Cadete	Cadete	Soldado ou aluno que frequenta o curso de oficiais

		<p>militares.</p> <p><a href="http://www.priberam.pt/dlpo/cadete">http://www.priberam.pt/dlpo/cadete</a></p>
Campana	Campanha	<p>Conjunto de operações, relacionadas no tempo e no espaço, visando um determinado fim.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Campamento	Acampamento	<p>Estacionamento da tropa em determinado lugar, para a prática de instrução militar ou mesmo para combate.</p> <p><a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=A">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=A</a></p>
Cañoneras	Canhoneiras	<p><u>Embarcação</u> armada com um ou mais <u>canhões</u>. O termo é aplicado a vários tipos de embarcações de guerra. No entanto, a partir de meados do <u>século XIX</u>, foi usado sobretudo para designar as embarcações de pequeno e médio porte, usadas pelas grandes potências no policiamento naval das suas <u>colónias</u>.</p> <p><a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Canhoneira">http://pt.wikipedia.org/wiki/Canhoneira</a></p>
Capitán	Capitão	<p>Oficial cuja graduação se situa entre a de tenente e a de major.</p> <p><a href="http://www.priberam.pt/dlpo/capitão">http://www.priberam.pt/dlpo/capitão</a></p>
Casamatas	Casamatas	<p>Obra de fortificação permanente ou temporária destinada a proteger armamento e pessoal. Pode ser construída de cimento, madeira, ferro ou outros materiais.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Caballería	Cavalaria	<p>Arma cujos integrantes se especializam em operações rápidas e flexíveis em qualquer terreno, utilizando-se cavalos e carros de combate.</p> <p><a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=C">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=C</a></p>

Cobertura	Cobertura	Nas operações terrestres, é a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo, antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou sobre a força coberta. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Combate	Combate	Ação militar de objetivo restrito e limitado, realizada de maneira hostil e direta contra o inimigo. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Comandancia	Capitania	Posto de capitão; antiga circunscrição territorial nas ex-colônias portuguesas; companhia de gente de guerra. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/capitania">http://www.priberam.pt/dlpo/capitania</a>
Comandante	Major	Oficial que tem militarmente o posto intermediário a capitão e a tenente-coronel. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/major">http://www.priberam.pt/dlpo/major</a>
Congresso de los Diputados	Parlamento	Assembleia política onde se discutem os negócios do Estado; câmaras legislativas. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/parlamento">http://www.priberam.pt/dlpo/parlamento</a>
Crucero	Cruzador	Navio de guerra de tamanho médio, grande velocidade, proteção moderada, grande raio de ação, boa qualidade e armamento de calibre médio e tiro rápido, destinado a efetuar exploração, cobertura, escoltas de comboios, contra-ataques de superfície, bombardeios de costa, etc. Mais usado, atualmente, como navio de controlo aéreo e lançador de mísseis. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>

Cuartel general	Quartel-general	<p>Área geográfica onde está sediado um órgão de direção geral, um comando de comando-geral ou um comando de grande comando.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
-----------------	-----------------	---

## D

Original	Tradução	Definição
Dahir	Decreto	<p>Deliberação superior que obriga à observância.</p> <p><a href="http://www.priberam.pt/dlpo/decreto">http://www.priberam.pt/dlpo/decreto</a></p>
Declaración de guerra	Declaração de guerra	<p>Ato formal expresso por decreto do Presidente da República, em caso de ameaça ou de agressão concreta que coloca a nação em estado de beligerância contra outra nação hostil ou de coligação.</p> <p>A declaração de guerra autoriza o emprego da força militar do poder nacional, a mobilização nacional, despesas extraordinárias e as requisições civis e militares necessárias ao esforço de guerra. É, também, um ato de direito internacional, sendo um ato formal de comunicação ao opositor e demais nações de que serão iniciadas as ações bélicas.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Defensa del perímetro	Defesa de ponto	<p>Ação tática ou estratégica de defesa baseada na proteção de determinada posição geográfica, navio ou ponto sensível.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Destacamento	Destacamento	<p>Parte de uma força separada de sua organização principal para cumprir uma missão em outra região, com efetivo normalmente reduzido e organização</p>

		variável, dependendo da situação. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Dey	Dei	Presidente de corporação administrativa entre os muçulmanos. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/dei">http://www.priberam.pt/dlpo/dei</a>
Dispersión	Dispersão	Distribuição sistemática dos arrebentamentos de bombas lançadas sob idênticas condições ou de projéteis atirados por uma mesma arma ou grupos de armas com os mesmos elementos de tiro; espaçamento de tropas, navios, material, edificações e atividades, numa ampla área, a fim de não apresentar um alvo concentrado. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
División	Divisão	Subdivisões de um Comando Militar de Área abrangendo várias Brigadas. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=D">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=D</a>

## E

Original	Tradução	Definição
Enlace	Oficial de ligação	Oficial, na qualidade de delegado, encarregado de missão definida num órgão, numa unidade ou numa Força Armada diferente da qual serve. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Escalafón	Escalão	Cada um dos sucessivos e distintos níveis da cadeia de comando; qualquer das frações de um conjunto militar articulado no sentido da profundidade; cada escalão tem a sua missão principal definida no

		<p>combate.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Escolta	Escolta	<p>Elemento destinado a assegurar prioridades de tráfego e segurança às autoridades e comboios.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a></p>
Escuadra	Esquadra	<p>Pequeno grupo de soldados ou guardas sob o comando de um sargento ou cabo.</p> <p><a href="http://www.priberam.pt/dlpo/esquadra">http://www.priberam.pt/dlpo/esquadra</a></p>
Escuadrón	Esquadrão	<p>Grupo de navios organizado para fins administrativos ou táticos.</p> <p>Tropa da subunidade do Exército, podendo ser independente ou orgânica de um regimento de cavalaria ou batalhão de aviação do Exército.</p> <p>Unidade que compreende duas ou mais esquadrilhas de aeronaves da Força Aérea. Órgão administrativo da Aeronáutica. Reunião de duas ou mais seções ou elementos aéreos da aviação aeronaval com seus meios operacionais e de manutenção.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Estado mayor	Estado-maior	<p>Órgão composto de pessoal militar qualificado e de qualificação técnica, que têm por finalidade assessorar o comandante no exercício de comando.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Estructura militar	Estrutura militar	<p>Modo como se organizam e se articulam as Forças Armadas.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>

## F

Original	Tradução	Definição
Flanco	Flanco	Lado ou prolongamento lateral de uma unidade ou dispositivo tático. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Fogo	Fogo	Execução do tiro com finalidade tática, de acordo com a doutrina e os planos estabelecidos. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Fuerzas	Forças	Conjunto de navios, aeronaves, tropas militares, ou ainda uma combinação desses elementos, estabelecido para fins operacionais ou logísticos. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Fuzil	Fuzil	Arma de cano longo e portátil, podendo funcionar por repetição, de forma semi-automática ou totalmente automática. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=F">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=F</a>
Frente	Frente	Extensão ocupada por um dispositivo ou por uma formatura, medida entre as extremidades de dois flancos. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>

## G

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
General	General	Graduação militar a que se ascende de brigadeiro. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/general">http://www.priberam.pt/dlpo/general</a>
Gobierno militar	Governo militar	Estrutura que pode ser organizada e mantida para exercer o governo de áreas ocupadas pela força militar.  Estrutura administrativa, inclusive, se for o caso, a estrutura judiciária, que pode ser mantida para governar as áreas dominadas pela força militar. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Guardia	Guarda	Elemento que ocupa um ponto crítico do itinerário de marcha, com a finalidade de facilitar o movimento. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Guarnición	Guarnição	Local (área física) de trabalho militar. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=G">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=G</a>
Guerra intestina	Guerra civil	Conflito interno desencadeado por grupos nacionais ou não de um estado contra o governo, para substituí-lo ou forçá-lo a modificar as suas normas. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/productos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Guerra irregular	Guerra irregular	Conflito armado executado por forças não-regulares ou por forças regulares usadas fora dos padrões normais da guerra regular, contra um

		<p>governo estabelecido ou um poder de ocupação, com o emprego de ações típicas da guerra de guerrilhas.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Guerrilla	Guerrilha	<p>Forma de guerra irregular conduzida por grupos ou forças não-regulares, contra um governo estabelecido ou um poder de ocupação, com a finalidade de desgastar a sua capacidade militar. Formas de guerra irregular que compreendem as operações de combate executadas por forças locais, a fim de reduzir a eficiência do governo estabelecido, ou do poder de ocupação, nos campos políticos, económico, psicossocial e militar.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a></p>
Guía	Guia	<p>Elemento encarregado de orientar as unidades ou veículos por determinado itinerário.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a></p>

## I

Original	Tradução	Definição
Incursiones	Incursões	<p>Ação ofensiva, normalmente de pequena escala, compreendendo uma rápida penetração numa área sob o controle do inimigo, a fim de obter informações, confundi-lo ou destruir as suas instalações, terminando com uma retirada planeada.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-</a></p>

		<a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=I">douttrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Infanteria	Infantaria	Tropa cujos componentes realizam o combate aproximado, a pé, ainda que se utilizem meios de transporte terrestres, aéreos ou aquáticos. Opera em qualquer tipo de terreno ou condição climática, com o objetivo de destruir, capturar ou neutralizar o inimigo, além de repelir ou resistir ao ataque do mesmo.  <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=I">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=I</a>
Infanteria de marina	Fuzileiros	Os Fuzileiros (Forças Especiais da Marinha) constituem a força de desembarque e combate em terra, assumindo-se os meios anfíbios como um meio essencial de projeção de poder de combate, bem como de apoio logístico no teatro de operações, dada a sua capacidade de operar quer em terra quer no mar.  <a href="http://www.marinha.pt/pt-pt/meios-operacoes/armada/fuzileiros/paginas/fuzileiros.aspx">http://www.marinha.pt/pt-pt/meios-operacoes/armada/fuzileiros/paginas/fuzileiros.aspx</a>
Intendencia	Intendência	Serviço especializado no apoio logístico de suprimento a todas as armas, em tempo de paz ou de guerra, com o fornecimento de vestuário, alimentação e equipamentos individuais.  <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=I">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=I</a>

## J

Original	Tradução	Definição
Jabeques	Galeaças	Galé de três mastros.  <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/galeaca">http://www.priberam.pt/dlpo/galeaca</a>
Jalifa	Califa	Soberano temporal e espiritual, entre os

		muçulmanos. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/califa">http://www.priberam.pt/dlpo/califa</a>
Jinetes	Cavaleiros	Cavaleiro armado de lança e adarga. <a href="http://lema.rae.es/drae/?val=jinete">http://lema.rae.es/drae/?val=jinete</a>
Jornada	Jornada	Período de tempo, equivalente às 24 horas do dia, em que se desenvolvem determinadas atividades de caráter operacional ou logístico. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>

## L

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
Limite	Limite	Linha, normalmente balizada por acidentes de terreno facilmente identificáveis, destinada a definir área de responsabilidade e a facilitar a coordenação e o controlo das manobras. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>

## M

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
Maniobras	Manobras	Movimento destinado a colocar forças ou equipamentos numa situação vantajosa em relação ao inimigo ou para cumprir determinada missão. Exercício tático, no terreno ou na carta, que imita uma situação de guerra destinado ao adestramento de homens e unidades. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-</a>

		<a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">2/geral?download=64:c-20-1</a>
Marcha	Marcha	Movimento realizado por uma força terrestre, sob determinadas condições técnicas ou logísticas, utilizando ou não os seus próprios meios. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Mariscal	Marechal	Distinção honorífica concedida a certos generais. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/marechal">http://www.priberam.pt/dlpo/marechal</a>
Minas	Minas	Artefato utilizado para dificultar ou impedir o movimento de pessoas, veículos ou embarcações, contendo uma carga explosiva que, ao ser acionada, causa efeitos letais ou lesivos. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Mira	Mira	Dispositivo ou mecanismo, através do qual se faz a visada ou pontaria da arma. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Munición	Munição	Denominação genérica dada aos cartuchos, mísseis, foguetes, bombas, granadas e outros artefatos do género. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>

## O

Original	Tradução	Definição
Oficial	Oficial	Militar de qualquer graduação superior à de sargento. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/oficial">http://www.priberam.pt/dlpo/oficial</a>

Ocupación	Ocupação	Ato ou efeito de guarnecer com tropas um território conquistado. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Operación de socorro	Operação de socorro	Operação que emprega os recursos disponíveis na prestação de auxílio a pessoas em perigo no mar e nas hidrovias. Operação pertinente ao prosseguimento de um incidente ou missão, desde o momento da notificação inicial até que o incidente ou missão esteja encerrado. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>

## P

Original	Tradução	Definição
Patrulla	Patrulha	Tropa de reconhecimento e uso face a determinada missão. <a href="http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=P">http://www.militarcristao.com.br/dtm.php?acao=busca&amp;letra=P</a>
Penetración	Penetração	Forma de manobra tática ofensiva na qual o ataque principal é orientado contra a principal posição defensiva do inimigo, com a finalidade de destruir o seu dispositivo, dividi-lo e derrotá-lo por partes. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Pirataria	Pirataria	Ato ilícito de violência, de detenção ou de depredação cometido, para fins privados, pela tripulação ou pelos passageiros de um navio ou de uma aeronave privados e dirigidos contra um navio, uma aeronave ou bens a bordo destes, em alto-mar

		<p>ou em lugar não submetido à jurisdição de um Estado; ato de participação voluntária na utilização de um navio ou de uma aeronave, quando aquele que o pratica tenha conhecimento de fatos que dêem a este navio ou a esta aeronave o caráter de pirata; e toda ação que tenha por fim incitar ou ajudar intencionalmente a cometer um dos atos acima mencionados. Para ocorrerem atos de pirataria no alto-mar, é necessário que estejam envolvidos pelo menos dois navios ou duas aeronaves ou um navio e um avião.</p> <p><a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a></p>
Puesto	Posto	<p>Lugar em que está um militar de serviço.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a></p>

## R

Original	Tradução	Definição
Refuerzo	Reforço	<p>Situação de uma unidade ou elemento que passa temporariamente à subordinação de uma organização militar de constituição fixa, a fim de prestar-lhe determinado apoio.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a></p>
Resgate	Resgate	<p>Recuperação, em situação de emergência, de pessoal ou material que, por qualquer razão, seja retido em área ou instalação hostil ou sob controle do inimigo.</p> <p><a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produtos-</a></p>

		<a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>
Retirada	Retirada	Movimento retrógrado ordenado, realizado sem pressão do inimigo e segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo, em face da situação existente. <a href="http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1">http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/produutos-doutrinarios/manuais1/parte-2/geral?download=64:c-20-1</a>

## S

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
Sargento	Sargento	Militar de graduação imediatamente superior à de cabo e inferior à de alferes. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/sargento">http://www.priberam.pt/dlpo/sargento</a>
Secretario general	Secretário-geral	Cargo mais elevado na administração de uma organização. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/secretário-geral">http://www.priberam.pt/dlpo/secretário-geral</a>
Servicio militar	Serviço militar	Atividade que condiciona a preparação e o emprego das Forças Armadas, realizada mediante o recrutamento de recursos humanos, a instrução, o adestramento e o aprestamento de efetivos militares, em tempo de paz, com o objetivo de formar reservas mobilizáveis. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Sitio	Cerco	Completo isolamento que uma força impõe ao adversário, impedindo a sua retirada e fuga em qualquer direção e cortando-lhe a possibilidade de receber reforços e suprimentos, com o objetivo de obter a sua capitulação, rendição pelo bloqueio ou

		destruição pela redução em força. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Soldados de la quinta	Soldados-recrutados	Soldado que assentou praça há pouco tempo e ainda não acabou a instrução militar. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/recruta">http://www.priberam.pt/dlpo/recruta</a>

## T

Original	Tradução	Definição
Teatro de los hechos	Teatro de operações	Parte do teatro de guerra, necessária à condução de operações militares de vulto e o seu consequente apoio logístico, para o cumprimento de determinada missão. <a href="http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf">http://www.hmab.eb.mil.br/downloads/outros/glossario_fa.pdf</a>
Teniente	Tenente	O que supre o lugar de um chefe e comanda na sua ausência. Posto militar imediatamente inferior ao de capitão. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/tenente">http://www.priberam.pt/dlpo/tenente</a>
Teniente coronel	Tenente-coronel	Oficial de graduação imediatamente inferior à de coronel. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/tenente-coronel">http://www.priberam.pt/dlpo/tenente-coronel</a>
Tirador	Atirador	Soldado de <a href="#">infantaria</a> ou de <a href="#">cavalaria</a> , colocado nos flancos ou numa posição avançada em relação ao grosso das tropas, com a missão de flagelar o inimigo com tiros de <a href="#">arma ligeira</a> . <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Atirador">http://pt.wikipedia.org/wiki/Atirador</a>

## U

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
Unidade	Unidade	Agrupamento de soldados, sob o comando de um chefe. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/unidade">http://www.priberam.pt/dlpo/unidade</a>

## V

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
Visir	Vizir	Cada um dos principais oficiais do conselho do ex-sultão da Turquia. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/vizir">http://www.priberam.pt/dlpo/vizir</a>

## Z

<b>Original</b>	<b>Tradução</b>	<b>Definição</b>
Zapadores	Sapadores	Soldado de engenharia ou qualquer indivíduo encarregado de trabalhos de sapa. <a href="http://www.priberam.pt/dlpo/sapador">http://www.priberam.pt/dlpo/sapador</a>